

Cartas

**SOBRE A MISSÃO
DO CRISTÃO NA
VIDA SOCIAL**

JOSEMARIA ESCRIVÁ DE BALAGUER

Cartas

**SOBRE A MISSÃO
DO CRISTÃO NA
VIDA SOCIAL**

JOSEMARIA ESCRIVÁ DE BALAGUER

CARTA 3

(Volume de Cartas I)

Sobre a missão do cristão na vida social

Josemaria Escrivá de Balaguer

VERSAO 1

www.opusdei.pt

© 2021 by Scriptor S.A.

© 2021 by Fundación Studium

ÍNDICE

Sobre esta edição

Ideias principais da carta

Carta

SOBRE ESTA EDIÇÃO

Recolhemos neste livro eletrónico uma carta de S. Josemaria sobre a missão do cristão na vida social. Está datada de 9 de janeiro de 1932, e foi pensada e escrita para ajudar as pessoas do Opus Dei a aprofundar na sua missão sobrenatural e apostólica no meio do mundo. Foi enviada aos membros da Obra em janeiro de 1966. Publicada com o n. 3, no livro Cartas I, em 2020, é do catálogo das Ediciones Rialp.

Este documento faz parte de um género literário particular de S. Josemaria. Não é um tratado: o seu estilo assemelha-se mais ao de uma conversa familiar, que o fundador mantém com os membros do Opus Dei de todos os tempos. O tom é idêntico ao que empregava nas tertúlias com pessoas da Obra, em que lhes transmitia, de viva voz, o espírito, a história e as tradições da Obra.

O livro Cartas I, tanto em papel como em formato digital, pode adquirir-se no site de Ediciones Rialp: www.rialp.com.

[Voltar ao índice](#)

IDEIAS PRINCIPAIS DA CARTA

S. Josemaria aborda nesta carta várias questões relativas ao espírito do Opus Dei, mas o fio temático é a missão de serviço a Deus, à Igreja e a todos os homens, que os seus membros estão chamados a realizar no meio do mundo.

É, como já dissemos, um escrito de tom familiar, uma conversa do fundador com as suas filhas e filhos espirituais. Há uma ordenação expositiva que se pode resumir nas ideias que seguem.

Nos primeiros parágrafos (n. 1–7) descreve a finalidade do Opus Dei: servir a Igreja e o Papa, respeitando e defendendo a liberdade dos católicos naquilo que é opinável, sem cair em «dogmas doutrinários temporais». Este tema voltará a ser retomado diversas vezes ao longo do texto, contendo algumas exposições de S. Josemaria acerca da laicidade, da legítima autonomia das questões temporais e da liberdade do cristão em questões opináveis, paralelamente a uma condenação dos abusos provocados pelo clericalismo.

Numa segunda parte (n. 8–22), para além de uma miscelânea de temas (unidade de vida, retidão de intenção, filiação divina, fé, etc.) descreve o chamamento ao Opus Dei, usando metáforas que permitem captar a especificidade dessa vocação laical: «Se me perguntardes como se nota o chamamento divino, como é que a pessoa se apercebe, dir-vos-ei que é uma visão nova da vida. É como

se se acendesse uma luz dentro de nós; é um impulso misterioso, que impele o homem a dedicar as suas mais nobres energias a uma atividade que, com a prática, se torna um dever de ofício. Essa força vital, que tem qualquer coisa de avalanche irresistível, é aquilo a que outros chamam vocação» (n. 9a).

Um terceiro grupo de parágrafos (n. 23–40) gira em torno do espírito de serviço à Igreja, que impele o Opus Dei. Detalha aqui algumas manifestações concretas do apostolado dos membros, na sua tarefa de levar o Evangelho a todos os ambientes do mundo, com um espírito plenamente laical.

Na parte central da carta (n. 41–61), S. Josemaria aborda temas de interesse, não só para quem está no Opus Dei, mas também para todos os cristãos: o serviço ao bem comum nas atividades de relevância pública e social, incluída a política. Dá respostas a quem pergunta a si mesmo qual deve ser a atuação pública dos católicos em ambientes que perderam muitos dos antigos valores cristãos. As orientações do fundador baseiam-se no respeito pelo pluralismo e pela liberdade. Além disso, aproveita para clarificar com toda a energia que «a Obra não tem qualquer política: não é esse o seu fim. A nossa única finalidade é espiritual e apostólica, e tem uma chancela divina: o amor à liberdade, que nos foi conseguida por Jesus Cristo, morrendo na Cruz» (n. 42b).

Trata, também, numa secção seguinte, do apostolado pessoal (n. 62–77), onde se destacam algumas ideias como a naturalidade, a compreensão com os outros, a procura da unidade com todos, a capacidade de adaptação a cada pessoa, sem nenhuma

discriminação, nem preconceitos ou rigidez, fazendo-se «tudo para todos, para todos salvar » (1 Cor 9,22), como ensina S. Paulo.

Depois de dar umas pinceladas sobre alguns apostolados corporativos do Opus Dei (n. 78–80), entra de novo na questão do espírito de serviço (n. 81–90). Encontramos nestas páginas orientações válidas para todos os cristãos que trabalham em política, em tarefas de impacto social que implicam responsabilidades de governo. Ensina como se hão de santificar essas tarefas, mantendo a humildade e o desejo de servir a comunidade.

A carta termina com um epílogo (n. 91–93), em que S. Josemaria volta a tratar da missão apostólica que o Opus Dei leva a cabo, recordando o chamamento universal à santidade.

[Voltar ao índice](#)

CARTA

SOBRE A MISSÃO DO CRISTÃO NA VIDA SOCIAL

[O seu *incipit* latino é *Res omnes* e está datada de 9 de janeiro de 1932; consta que foi impressa pela primeira vez em janeiro de 1966]

1 Tudo o que é ou parece novo, tanto se refere à doutrina como ao modo de a comunicar aos homens e à maneira de a levar à prática, deve abrir um caminho novo – pelo menos em aparência –, ainda que o que ensine ou o que faça corresponda, por completo, ao reto saber cristão e à tradição.

Convém, por isso, que vos diga uma vez mais que a Obra não vem inovar nada, e muito menos reformar nada da Igreja: aceita com fidelidade tudo o que a Igreja assinala como certo, na fé e na moral de Jesus Cristo. Não queremos livrar-nos das barreiras – santas – da disciplina comum dos cristãos. Queremos, pelo contrário, ser, com a graça do Senhor – que Ele me perdoe esta aparente falta de humildade, – os melhores filhos da Igreja e do Papa.

Para conseguir este desígnio é necessário amar a liberdade. Evitai esse abuso que parece exasperado nos nossos tempos – está patente e continua a manifestar-se, de facto, em nações de todo o mundo – que revela o desejo, contrário à lícita independência dos homens, de obrigar todos a formarem um só grupo naquilo que é opinável, de

criar como que dogmas doutrinários temporais; e de defender esse falso critério com tentativas e propaganda de natureza e substância escandalosas, contra os que têm a nobreza de não se sujeitar.

Cristo no cume de todas as atividades humanas

2 *Instaurare omnia in Christo*^[1] diz S. Paulo aos de Éfeso, renovai o mundo no espírito de Jesus Cristo, colocai Cristo no alto e no íntimo de todas as coisas. Viemos à Obra para santificar qualquer fadiga humana honesta: o trabalho habitual, precisamente no mundo, de maneira laical e secular, ao serviço da Igreja Santa, do Romano Pontífice e de todas as almas.

Para o conseguir, temos de defender a liberdade. A liberdade dos membros, mas formando um só corpo místico com Cristo, que é a cabeça, e com o seu Vigário na terra. Parece que as coisas celestiais foram separadas das do mundo, e que já não têm cabeça. Mas Deus pôs, como cabeça de todas as coisas, Cristo encarnado. Portanto, chegar-se-á à unidade, a uma união harmónica, quando todas as coisas estiverem submetidas a uma só cabeça, que é Cristo.

Diremos com Santo Ireneu: *há um só Deus Pai, (...) e um só Cristo, Jesus Senhor Nosso, que percorre toda a economia e recapitula tudo em si: neste tudo está compreendido o homem, criatura de Deus. Portanto, Ele recapitula o homem em si mesmo. O invisível tornou-se visível; o incompreensível, compreensível; o impassível, passível; e o Verbo fez-se homem, resumindo todas as coisas em si mesmo. E, assim como o Verbo de Deus é o primeiro entre os seres celestiais e espirituais e invisíveis, também tem a soberania sobre o mundo visível e corporal, assumindo toda a*

primazia; e tornando-se Cabeça da Igreja, atrairá a si todas as coisas, no seu devido tempo[2].

Agora compreenderemos a emoção daquele pobre sacerdote que, tempos atrás, sentiu dentro da sua alma esta locução divina: *et ego, si exaltatus fuero a terra, omnia traham ad meipsum*[3]; quando for levantado bem alto sobre a terra, atrairei tudo a mim. Ao mesmo tempo, viu com clareza o significado que o Senhor, naquele momento, queria dar a essas palavras da Escritura: é preciso pôr Cristo no cume de todas as atividades humanas. Entendeu claramente que era necessário, com o trabalho quotidiano em todas as tarefas do mundo, reconciliar a terra com Deus, de modo a que o profano – mesmo sendo profano – se convertesse em sagrado, em consagrado a Deus, fim último de todas as coisas.

Santificação do trabalho

3 Há um parêntesis de séculos, inexplicável e muito longo, em que esta doutrina soava e soa a coisa nova: procurar a perfeição cristã, pela santificação do trabalho quotidiano, cada qual através da sua profissão e no seu próprio estado. Durante muitos séculos, via-se o trabalho como uma coisa vil; tinha sido considerado, inclusive por pessoas de grande capacidade teológica, como um estorvo para a santidade dos homens.

Eu digo-vos, minhas filhas e meus filhos, que podeis dizer com segurança, a quem quer que exclua um trabalho humano honesto – importante ou humilde –, afirmando que não pode ser santificado e santificante, que Deus não o chamou à sua Obra. Será preciso rezar, teremos de rezar, teremos de sofrer, para tirar da mente das pessoas boas esse erro. Mas chegará o momento em que, à base do trabalho

humano em todas as categorias, tanto intelectuais como manuais, se alçará, a uma só voz, o clamor dos cristãos dizendo: *cantate Domino canticum novum: cantate Domino omnis terra*[4]; cantai ao Senhor um cântico novo: que toda a terra louve o Senhor.

4 Para abrir uma brecha na consciência dos homens, depois de tantos séculos de erro ou de esquecimento dos deveres do cristão, tendes de ser amigos do trabalho. Sem o trabalho não nos santificaremos: não é possível, porque o trabalho é a matéria que temos de santificar e o instrumento para a santificação.

Tendes de ser fiéis, tendes de ser fortes, tendes de ser dóceis; precisais de virtudes humanas, coração grande, lealdade. Com isto, não vos peço coisas extraordinárias; peço-vos simplesmente que toqueis o céu com a cabeça: tendes direito a isso, porque sois filhos de Deus. Mas que os vossos pés, que as plantas dos vossos pés, estejam bem assentes na terra, para glorificar o Senhor Nosso Criador, com o mundo, e com a terra, e com o trabalho humano. Contemplo, ao longo dos tempos, até ao último dos meus filhos – porque somos filhos de Deus, repito – a atuar profissionalmente, com sabedoria de artista, com felicidade de poeta, com segurança de mestre e com um pudor mais persuasivo do que a eloquência, procurando – ao procurar a perfeição cristã na sua profissão e no seu estado no mundo – o bem de toda a humanidade.

5 Temos de amar todo o tipo de trabalho humano, porque o trabalho é o meio para a santificação das almas e para a glória de Deus. Se o trabalho, qualquer trabalho humano honesto, é o meio, ninguém será capaz de pôr margens a este mar imenso de

apostolado, a este panorama humano e divino que se apresenta ante os nossos olhos.

Quando chegar o tempo de cristalizar canonicamente – com as leis da Igreja – este nosso apostolado, diremos o mesmo: que é um mar sem margens, mas assinalaremos algum trabalho concreto, porque é normal assinalá-lo.

Vós e eu sabemos e cremos que o mundo tem como única missão dar glória a Deus. Esta vida só tem razão de ser enquanto projeta o reino eterno do Criador. Por isso, escreve S. Paulo: *tudo quanto fizerdes, tanto de palavra como de obra, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando graças a Deus Pai, por mediação d’Ele*[5]. E lê-se na primeira Epístola aos Coríntios: *quer comais, quer bebais, fazei tudo para glória de Deus*[6]. Portanto, estamos, todos obrigados a trabalhar: porque o trabalho é um mandato de Deus, e é preciso obedecer a Deus com alegria: *servite Domino in laetitia*[7].

A santificação pessoal na ocupação diária

6 Deste modo, o trabalho torna-se sobrenatural, porque o seu fim é Deus, e o trabalho faz-se pensando n’Ele, como um ato de obediência. Não devemos abandonar o sítio em que nos surpreendeu a chamada do Senhor. Temos de converter em serviço de Deus toda a nossa vida: o trabalho e o descanso, o pranto e o sorriso. No campo, na oficina, no estudo, na atuação pública, devemos permanecer fiéis ao nosso modo habitual de vida; converter tudo em instrumento de santificação e em exemplo apostólico, sem nunca nos servirmos da Igreja, nem da Obra: cada um com responsabilidade pessoal.

No trabalho quotidiano, no seio da família e da sociedade, temos o compromisso pessoal de procurar a santidade a que estamos

chamados, pelo mero facto de sermos cristãos, já que as palavras do Mestre são claras: *sede perfeitos, como o vosso Pai celestial é perfeito*[8].

Vede o que escrevia S. João Crisóstomo: *a verdade é que todos os homens têm de ascender à mesma altura; e o que transtornou toda a terra foi pensar que só o monge está obrigado a maior perfeição, e os outros podem viver à larga. Mas não é assim!*[9].

7 Temos de procurar que todos entendam que não se deve dividir os homens em duas categorias: os que trabalham, e os que pensam que trabalhando, se rebaixam. Porque hoje está claro que o trabalho é um serviço que todos os cristãos estão obrigados a prestar, por amor a Deus e, por Ele, à humanidade inteira.

Aos que não querem compreender, atrevo-me a dizer: *qui parce seminat, parce et metet: et qui seminat in benedictionibus, de benedictionibus et metet*[10]; quem semeia escassamente recolherá escassamente; e quem semeia com abundância recolherá com abundância. Acabo de vos dizer com isto, servindo-me de palavras do Apóstolo, que não basta trabalhar muito, que é preciso trabalhar com visão sobrenatural: porque, caso contrário, não receberemos bênçãos do céu.

Minhas filhas e meus filhos, quero contar-vos uma pena, uma pena grande: *não me entendem*. Já estou há quatro anos a dizer o mesmo: e não entendem. Estão como que impermeabilizados. Parece que não lhes cabe, nem na cabeça nem no coração, tanto heroísmo cristão sem espetáculo. Mas a nossa generosidade, ainda que seja completa, é bem pouca coisa, comparada com essa generosidade infinita e amorosa do Deus-Homem, que se entrega ao sacrifício para

nossa salvação, dando até à última gota do seu sangue, até ao último alento da sua vida. Por isso, temos de procurar também entregar-nos sem mesquinhez, atentos ao amor de Deus, mesmo que não faltem as dificuldades.

Vocação para o apostolado no âmbito do trabalho

8 Conta-nos S. Mateus: *Jesus ia percorrendo todas as cidades e aldeias, ensinando nas suas sinagogas e pregando o Evangelho do reino de Deus e curando todas as doenças e todas as enfermidades. E ao ver aquelas gentes, compadecia-se profundamente porque estavam maltratadas e abandonadas, aqui e ali, como ovelhas sem pastor. Então, disse aos seus discípulos: a messe é verdadeiramente grande, mas poucos os trabalhadores; rogai, pois, ao dono da messe, que envie operários para a sua messe*[11].

Despedaça o coração este clamor do Filho de Deus, que se lamenta porque a messe é grande e os trabalhadores são poucos. Pedi comigo ao Senhor da messe que envie trabalhadores, gente de todas as raças e de todas as profissões e classes sociais, para trabalhar nesta Obra, com este sentido sobrenatural: *rogate ergo Dominum messis, ut mittat operarios in messem suam!* Deste modo serão muitas as almas que sentirão esta chamada divina, que acende em nós o desejo de procurar a perfeição no meio do mundo.

9 Se me perguntardes como se nota o chamamento divino, como é que a pessoa se apercebe, dir-vos-ei que é uma visão nova da vida. É como se uma luz se acendesse dentro de nós; é um impulso misterioso, que leva o homem a dedicar as suas mais nobres energias a uma atividade que, com a prática, se torna dever de ofício. Essa

força vital, que tem qualquer coisa de avalanche irresistível, é aquilo a que outros chamam vocação.

A *vocação* leva-nos – sem disso nos apercebermos – a tomar uma posição na vida, que manteremos com entusiasmo e alegria, cheios de esperança, até ao próprio momento da morte. É um fenómeno que comunica ao trabalho um sentido de missão, que enobrece e dá valor à nossa existência. Jesus mete-se na alma com um ato de autoridade, na tua, na minha: o chamamento é isso.

Tornam-se realidade aquelas palavras do Apocalipse: *eis que estou à porta do teu coração e bato: se alguém escutar a minha voz e me abrir a porta, entrarei, e cearei com ele, e ele comigo*[12]. Esta chamada de Deus é algo preciosíssimo. Vem-me aos lábios a parábola que, no capítulo treze do seu Evangelho, nos relata S. Mateus: *o reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido no campo, que um homem ao encontrar escondeu, e na sua alegria vai, vende tudo quanto tem e compra aquele campo. O reino dos céus também é semelhante a um comerciante que procura belas pérolas. Ao encontrar uma pérola de muito valor, foi vender tudo quanto tinha e comprou-a*[13]. A nossa chamada é, pois, quando a soubemos receber com amor, quando a soubemos estimar como coisa divina, uma pedra preciosa de valor infinito.

10 Esta chamada é um tesouro escondido que nem todos encontram. Encontram-no aqueles a quem Deus verdadeiramente elege: *pedir-se-ão contas de muito a quem muito se entregou*[14]. Quando tiverdes sentido essa graça de Deus, não vos esqueçais da parábola do tesouro escondido: *quem qui invenit homo, abscondit, et prae gaudio illius vadit, et vendit universa quae habet, et emit*

agrūm illum[15]: é tão humano e tão sobrenatural esconder os favores de Deus!

Vede como o Senhor procura os que quer que o sigam: Pedro e o seu irmão André, que eram pescadores, quando estavam a deitar as redes ao mar. Ouvi o que lhes diz: *venite post me, et faciam vos fieri piscatores hominum*[16]; vinde comigo e farei de vós pescadores de homens. E Pedro e André, *continuo*, deixando tudo imediatamente, seguiram-no.

Há outro que não tinha sido chamado – conta-no-lo S. Mateus no capítulo oitavo, versículos 19 e 20 –: *Magister*, Mestre, afirma, *sequar te quocumque ieris*, seguir-te-ei aonde quer que vás. O Senhor respondeu-lhe: *as raposas têm as suas tocas, e as aves do céu os seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça*. Não temos de nos assustar – minhas filhas e meus filhos – perante os perigos, perante as contradições, perante a dureza no serviço de Deus.

Senhor – roga-lhe um dos seus discípulos –, *permite-me que, primeiro, vá sepultar o meu pai*. *Jesus respondeu-lhe: tu, segue-me e deixa que os mortos enterrem os seus mortos*[17]. E ao que lhe disse: *seguir-te-ei, Senhor, mas primeiro deixa-me ir despedir dos de minha casa*, *Jesus respondeu: ninguém que, depois de ter posto a mão no arado, olhar para trás é apto para o reino de Deus*[18].

11 Antes de avançardes, a vós que tendes essa luz na alma, que vos sentis interiormente impelidos a procurar a perfeição cristã no mundo, digo-vos que quem estiver ligado a um vínculo ou compromisso espiritual – pela *chamada*–, se não quiser enganar-se, é necessário que renuncie a qualquer conselheiro, a qualquer projeto

que não esteja dentro daquele vínculo. Agindo de outro modo, criar-se-iam tantos grupinhos quantos fossem os indivíduos, e o vínculo sobrenatural e civil ficaria sem efeito, podendo até provocar dano, porque se destruiria a obediência. Meus filhos, quantas vezes pessoas que nunca sentiram a inquietação pessoal daquele clamor divino: *venite post me!*[19] se põem a julgar as almas dos outros, a aconselhar outros. Senti um profundo agradecimento por terdes recebido a chamada, e pensai que para a verdade – a vossa chamada – só há um caminho; e dentro deste caminho pode andar-se devagar, avançar com pressa, correr ou saltar: na Obra não quadriculamos as almas, nem metemos as criaturas em moldes de aço, com gestos, modos e palavras que estejam fora da realidade deste mundo: porque nós vivemos no mundo para Deus.

Chamamento à santidade no meio do mundo

12 Aos que dizem que isto é uma utopia, respondo-lhes com a experiência que tenho de bastantes almas e com estas palavras do Crisóstomo: *onde estão agora os que dizem que não é possível, a quem vive no meio da cidade, conservar a virtude, antes que é necessário retirar-se e viver nos montes? Como se não fosse possível ser virtuoso quem governa uma casa, e tem mulher e cuida dos seus filhos*[20].

Em todos os estados, em todas as tarefas honestas, para adquirir a santidade, não tendo vocação de religiosos, não há que fugir do mundo. Estamos bem no lugar que ocupamos na terra. Tenho a certeza de que a chamada – a chamada específica de que tenho estado a falar nesta carta –, é para muitos: porque na Obra não há classismos, porque interessam todas as almas; e, por isso, temos

necessidade de todo o tipo de instrumentos. *Iterum simile est regnum caelorum sagenae missae in mare, et ex omni genere piscium congreganti*[21]; o reino dos céus também é semelhante a uma rede de arrasto, que, deitada ao mar, recolhe todo o género de peixes.

13 Quando, pela boca de Jeremias, o Senhor prediz a futura libertação do povo judeu, que está no exílio, e faz notar que, se antes os tinha tirado do Egito, agora tirará os seus servos *de terra Aquilonis et de cunctis terris*[22], penso que haverá muitas chamadas à Obra de Deus, sem discriminação. O Senhor trá-los-á de todas as classes sociais, de todos os talentos, dos que estão acima, dos que estão abaixo, e – como volta a dizer Jeremias – dos que estão nas entranhas da terra.

Ouvi o profeta: *vou mandar muitos pescadores, palavra de Javé, que os pescarão; e depois muitos caçadores, que os caçarão por todos os montes, por todas as colinas, e pelas cavernas das rochas. Porque estão à minha vista todos os seus caminhos*[23].

Somos instrumentos nas mãos de Deus, *qui omnes homines vult salvos fieri*[24], que quer que todos os homens se salvem. Os meus filhos, pela formação verdadeiramente contemplativa do nosso espírito, hão de sentir dentro da sua alma a necessidade de procurar Deus, de O encontrar e de ter trato constante com Ele, admirando-O com amor, no meio das fadigas do seu trabalho quotidiano, que são cuidados terrenos, mas purificados e elevados à ordem sobrenatural; e hão de sentir igualmente a necessidade de converterem toda a sua vida em apostolado, que flui da alma para se traduzir em obras

externas: *caritas mea cum omnibus vobis in Christo Iesu*[25], o meu carinho para todos vós, em Cristo Jesus.

Unidade de vida. Retidão de intenção. Filiação divina

14 A partir do que acabo de escrever, deduz-se que é necessária, para os filhos de Deus que Ele chamou à sua Obra, a unidade de vida. Uma unidade de vida que tem simultaneamente duas facetas: a interior, que nos faz contemplativos; e a apostólica, através do nosso trabalho profissional, que é visível e externa.

Dir-vo-lo-ei de novo: a nossa vida é trabalhar e rezar, e ao contrário, rezar e trabalhar. Porque chega um momento em que não se conseguem distinguir estes dois conceitos, essas duas palavras, contemplação e ação, que acabam por significar o mesmo na mente e na consciência.

Vede o que diz S. Tomás: *quando, de duas coisas, uma é a razão da outra, a ocupação da alma numa não impede nem diminui a ocupação na outra... E, como Deus é apreendido pelos santos como a razão de tudo quanto fazem ou conhecem, a sua ocupação em perceber as coisas sensíveis, ou em contemplar ou fazer qualquer outra coisa, em nada lhes impede a divina contemplação, nem vice-versa*[26].

15 Para não perdermos esta unidade de vida, ponhamos o Senhor como fim de todos os nossos trabalhos, que deveremos fazer *non quasi hominibus placentes, sed Deo qui probat corda nostra*[27]; não para agradar aos homens, mas a Deus, que sonda os nossos corações. Além disso, temos de procurar a presença de Deus: *quaerite Dominum et confirmamini, quaerite faciem eius*

semper[28]; procurai o Senhor e tornar-vos-eis fortes, buscai sempre o seu rosto.

Levantai o coração a Deus quando chegar o momento duro do dia, quando a tristeza quiser meter-se na nossa alma, quando sentirmos o peso deste trabalho da vida, dizendo *miserere mei Domine, quoniam ad te clamavi tota die: laetifica animam servi tui, quoniam ad te Domine animam meam levavi*[29]; Senhor, tem misericórdia de mim, porque te invoquei todo o dia: alegre o teu servo, porque a ti, Senhor, levantei a minha alma.

16 Somos servos de Deus e filhos de Deus. Como seus servos, podemos alegrar-nos ao ouvir aquelas palavras dos Atos dos Apóstolos: *certamente, sobre os meus servos e sobre as minhas servas, naqueles dias, derramarei o meu Espírito, e profetizarão*[30]. Como filhos de Deus, podemos contemplar com alegria o que escreve S. Paulo aos Gálatas: *digo mais: que enquanto o herdeiro é criança, em nada se diferencia de um servo, apesar de ser dono de tudo; está sob o poder dos tutores e curadores, até quando seu pai o determinar.*

Assim nós, quando ainda éramos crianças, vivíamos na servidão, sob os elementos do mundo; mas, cumprido que foi o tempo, enviou Deus o seu Filho, formado de uma mulher, e sujeito à lei, para redimir os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos. E, dado que sois filhos, enviou Deus aos vossos corações o Espírito de seu Filho, o qual nos faz clamar: Abba, meu Pai! E assim nenhum de vós é já servo, mas filho. E, sendo filho, é também herdeiro de Deus[31].

17 Há, no Evangelho, duas figuras que – no momento da cobardia generalizada – são valentes: José de Arimateia, que era discípulo de Jesus, ainda que oculto; e um homem rico, Nicodemos. No meio deste terror geral, deste abandono em que Cristo Jesus tinha ficado, acompanhado apenas por mulheres – por sua Mãe, por aquelas santas mulheres – e por um adolescente – por João –, eles, que se ocultavam enquanto o Mestre vivia, voltam a aparecer, segundo nos contam os evangelistas. José, para pedir a Pilatos que o deixe levar o Corpo. Nicodemos, para levar uma mistura de mirra e aloés, de quase cem libras: seria bastante dinheiro.

Contudo, ainda que convivessem com Jesus e O amassem, recordai-vos daquele passo de S. João, no capítulo III, do versículo um ao dez, quando o Senhor diz a Nicodemos: *nisi quis renatus fuerit denuo, non potest videre regnum Dei*; quem não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus ou ter parte nele. Nicodemos responde: *quomodo potest homo nasci, cum sit senex?*; como pode nascer um homem, sendo velho? Não vou repetir-vos aqui todo o texto. Nicodemos não era um ignorante. Jesus pergunta-lhe: *tu es magister in Israël et haec ignoras? Nisi quis renatus fuerit*, tinha doutrinado o Mestre, *ex aqua et Spiritu Sancto non potest introire in regnum Dei*; tu és mestre em Israel, e ignoras estas coisas? Quem não nascer pelo batismo da água e do Espírito Santo, não pode entrar no reino de Deus. E, noutra parte: *sic est omnis qui natus est ex spiritu*, isto mesmo sucede ao que nasce do espírito.

Amor de Deus. Confiança em Deus

18 A filiação divina é clara. Havia quem não entendesse isso. Dai graças, porque sabeis que sois verdadeiros filhos de Deus, porque

sabeis, como escreve S. João, que Deus é justo; sabeis igualmente que quem vive segundo a justiça, exercendo as virtudes, é filho legítimo de Deus[32].

Continuarei advertindo com S. João: *vede que terno amor para conosco o Pai teve, querendo que nos chamássemos filhos de Deus e que o sejamos, de facto. Caríssimos, nós já somos, agora, filhos de Deus*[33]. S. Paulo confirma-nos nesta crença, quando escreve: *foi uma coisa digna que aquele Deus, para quem e por meio de quem são todas as coisas, tendo de conduzir muitos filhos adotivos à glória, o fizesse ao imolar, pela paixão e pela morte, o autor e o modelo da salvação para esses mesmos filhos, Jesus Cristo, nosso Senhor. Porque aquele que santifica e aqueles que são santificados, todos eles têm a sua origem num só, ou seja, todos eles têm a natureza humana. Por isso, não desdenha chamar-lhes irmãos, dizendo: anunciarei o teu nome aos meus irmãos: dentro da Igreja cantarei os teus louvores. E, num outro lugar: depositarei nele toda a minha confiança. E acrescenta: aqui estou eu e os meus filhos, que Deus me deu*[34].

19 Mas se não procurarmos viver como filhos de Deus, perderemos a confiança n'Ele, o que significa perder uma boa parte do Amor, e a nossa vida tornar-se-á dura e amarga. Não vos esqueçais de que não somos só filhos de Deus, mas somos também irmãos de Jesus Cristo: *primogenitus in multis fratribus*[35]. Nem de que *todo aquele que nasceu de Deus não comete pecado porque a semente de Deus, que é a graça santificante, habita nele; e, se não a afastar de si, não pode pecar, porque é filho de Deus: nisto se distinguem os filhos de Deus dos filhos do diabo.*[36].

Enchei-vos, portanto, de confiança, *porque Deus amou de tal modo o mundo que não se conteve até dar o seu Filho Unigénito, para que todos os que acreditam n'Ele não pereçam, mas tenham a vida eterna. Pois Deus não enviou o seu Filho ao mundo, para condenar o mundo, mas para que, por seu intermédio, o mundo seja salvo; e para que todo aquele que crê n'Ele não pereça, mas alcance a vida eterna.*[37].

Amor ao Papa

20 Visto que somos filhos de Deus, o nosso maior amor, a nossa maior estima, a nossa mais profunda veneração, a nossa mais rendida obediência, a nossa maior afeição deve ser também pelo Vice-Deus na terra, pelo Papa. Pensai sempre que depois de Deus e da nossa Mãe, a Virgem Santíssima, na hierarquia do amor e da autoridade, vem o Papa. Por isso, digo muitas vezes: *obrigado, meu Deus, pelo amor ao Papa que puseste no meu coração.*

Tenhamos, portanto, uma confiança plena e completa na Igreja e em Pedro. Eu nunca deixei de a ter, embora algumas pessoas tenham tentado, melhor dizendo, o diabo tenha tentado através de alguns homens, semear dúvidas e sombras, para tentar diminuir em mim – sem o conseguir – esta confiança e este amor.

Meus filhos, vou contar-vos esta pequena história. Dar-me-á muita alegria que alguns de vós, quando puderem, a vivam: desde há alguns anos, na rua, todos os dias, rezei e rezo um terço pela Augusta Pessoa e pelas intenções do Romano Pontífice. Vou com a imaginação para junto do Santo Padre, quando ele celebra a missa: não sabia, nem sei, como é a capela do Papa, e, quando termino o

meu Terço, faço uma comunhão espiritual, desejando receber das suas mãos Jesus Sacramentado.

Não vos surpreendais por eu ter uma santa inveja daqueles que têm a sorte de estar materialmente próximos do Santo Padre, pois podem abrir-lhe o coração, e podem manifestar-lhe a sua estima e o seu carinho.

21 Essa união que vivemos com o Romano Pontífice faz e fará que nos sintamos muito unidos, em cada diocese, ao Ordinário do lugar. Eu costumo dizer, e é verdade, que *puxamos e puxaremos sempre a carroça na mesma direção que o Bispo*. Se alguma vez, um Reverendíssimo Ordinário não entendesse isso, e pretendesse ver incompatibilidades que não podem existir, isso dar-me-ia muita pena; mas, desde que não tocasse no essencial, eu cederia: e vós deveríeis ceder também, sem dificuldade. Porque aquilo que motiva a nossa entrega é apenas o desejo de dar a Deus toda a glória, servindo a Igreja e todas as almas, sem procurar a glória da Obra nem o nosso benefício pessoal.

Antecipando essas possíveis dificuldades, embora me pareçam inverosímeis, para obter do Senhor, desde o início da Obra, esta união interna e externa com o Ordinário do lugar e com todas as almas que trabalham em qualquer tipo de tarefa apostólica, sabeis que rezamos todos os dias *pro unitate apostolatus*. Uma unidade que só o Papa dá, para toda a Igreja; e o Bispo, em comunhão com a Santa Sé, para a diocese.

22 Sonho, meus filhos e minhas filhas, com esses oratórios, com esses sacrários, que se espalharão por todos os cantos do mundo, para levar esse espírito de Deus – da Obra de Deus – a todas as

almas. E peço-vos que sigais o costume, o modo de fazer do lugar onde estiverdes, na parte material dos edifícios. Mas dá-me muita tristeza ver essas igrejas que parecem garagens, essas imagens que são uma caricatura, que são uma chacota: nunca as coloqueis nos nossos oratórios.

A arte sacra deve conduzir a Deus, deve respeitar as coisas sagradas; está ordenada à piedade e à devoção. Durante muitos séculos, a melhor arte era a religiosa, porque se submetia a essa regra; porque salvaguardava, em tudo, a natureza própria do seu fim. Essas imagens modernistas, caricaturais, são tão impróprias como as imagens pretensiosas de material tosco; o feio e o pouco respeitoso é tão mau como o meloso e o piegas.

Nenhum desses dois extremos serve à nossa piedade. O arquiteto, o escultor, o pintor que queira contribuir com sua arte pessoal para o culto divino, deve obedecer a regras claras. Com isso não estou a dizer que seja necessário pintar o céu de joelhos, como Fra Angelico, mas é preciso pintá-lo com respeito, com dedicação, com devoção.

Laicismo e clericalismo

23 Nestes tempos de laicismo, destacam-se dois tipos de pessoas: as que atacam a Igreja a partir de fora e as que a atacam a partir de dentro, servindo-se da própria Igreja. Alguns – os que a atacam de fora – são secularistas, dizem; aqueles que a atacam a partir de dentro, não sei como lhes chamar: vamos chamar-lhes pietistas. O espírito da Obra é não nos servirmos da Igreja: servir a Igreja.

E para isso, não envolver a Igreja em coisas terrenas; por sermos filhos da Igreja, e termos recebido a chamada específica de Deus,

levamos a Deus todas as coisas da terra, mas não chamamos, às nossas obras, católicas: já todos veem que o são.

Não damos nomes de santos às nossas tarefas apostólicas, porque não é necessário nem conveniente. E se fosse, já outros fazem isso: a nós, que nos deixem servir a Santa Igreja por nossa conta e risco pessoal, sem a comprometer. O contrário – usar a Igreja, para se refugiar nela em termos de vida profissional, social, política – parece-me um falso amor pela Esposa de Jesus Cristo: e, humanamente, um modo de agir pouco limpo, feio.

24 No entanto, há quem não nos entenda, e alguns até com reta intenção: acreditam que a Igreja perderá prestígio se as nossas futuras obras, os nossos futuros trabalhos, as nossas tarefas não levarem o nome de católicas. Esta opinião cai por si só, não tem força nenhuma, porque todos verão que serão os cidadãos católicos que farão o trabalho; e que, portanto, a sua tarefa redundará em honra da Igreja. Outros pensam que assim estaremos menos sujeitos à autoridade eclesiástica: estaremos sujeitos como os outros. Nós sempre queremos e procuramos viver dentro das determinações a que os cristãos devem obedecer.

Desejaria que essas pessoas, que desde o início do nosso trabalho não nos entendem, abrissem a Sagrada Escritura, no Génesis, capítulo 22, e vissem as disposições que Jacob tomou, quando temeu que o seu irmão Esaú destruísse a sua família e as suas riquezas.

A Escritura conta que formou dois grupos com o povo da sua cidade, e os seus rebanhos, de modo que um dos grupos estivesse num lugar e o outro noutra; e pensou razoavelmente: se Esaú vem contra um grupo, o outro será salvo.

Embora não seja este o motivo pela qual o Senhor suscitou a Obra – o motivo é recordar a todos os homens o seu dever de santidade, através do seu trabalho quotidiano no mundo, na sua profissão e no seu estado – ainda que não fosse este o motivo –, ninguém pode negar que as circunstâncias de hoje, como as de todos os séculos passados – e não podemos esperar mais das dos tempos vindouros – nos fazem julgar muito prudente a decisão que Jacob tomou.

25 Também gostaria que essas pessoas, sem capacidade de nos entenderem, dessem uma olhadela à sua volta – não a um país, mas a todos ou quase todos os países que são ou foram cristãos –, e observassem tantas empresas privadas, comerciais, industriais, hoteleiras, etc., que têm o nome de um santo.

Respeito a experiência oposta, mas realmente sofro muito ao observar que, em não poucas ocasiões, a denominação do santo, ou de católico ou de cristão, pode servir de cobertura para esconder mercadorias danificadas. Não me importa deixar escrito o que tantas vezes digo com palavras: que, quando leio – porque existem, existem! – numa mercearia, loja ou casa, ou negócio de S. ... – dum santo – penso imediatamente, com pouco medo de estar errado, que lá o quilo tem noventa e nove gramas.

Servir. Sobrenaturalizar o trabalho. Dar doutrina

26 Meus filhos, não foi murmuração, não carreguei nas tintas; contei uma parte do que vi, porque me pareceu necessário, para evitar o escândalo de quem não se escandaliza com quem tem o cristianismo ou o catolicismo como instrumento oficial para os seus projetos e as suas ambições.

Vamos deixá-los e vamos pensar devagar naquilo que está nas entranhas do nosso trabalho profissional. Dir-vos-ei que é uma única intenção: servir. Porque no mundo, agora, a importância da missão social de todas as profissões é clara: até a caridade se tornou social, o próprio ensino se tornou social.

Para tudo o que é servir o próximo, existe uma técnica que o Estado procura ter na mão. Por isso, cada um dos filhos de Deus na sua Obra, deve *sobrenaturalizar* o exercício de seu trabalho, do seu ofício, servindo com verdadeiro sentido sobrenatural o próximo, a pátria, Deus. Caso se sirva diretamente a Igreja – e não os eclesiásticos –, sirva-se gratuitamente; porque há muitos leigos que não trabalham para a Igreja se não forem pagos. Este é o lema que vos dou, o que recebemos de Deus: não cobramos, servindo a Igreja; pagar, pagar, pagar, mesmo dando toda a nossa vida.

27 Falámos em servir: o melhor serviço que podemos fazer à Igreja e à humanidade é dar doutrina. Uma grande parte dos males que afligem o mundo deve-se à falta de doutrina cristã, mesmo entre os que querem ou parecem querer seguir Jesus Cristo de perto. Porque há aqueles que, em vez de dar boa doutrina, se servem da ignorância dos outros para semear confusões. Assim se chega à negação da existência da lei natural, impressa por Deus em cada alma. E o ambiente do mundo enche-se de indolência religiosa, que na realidade não mais é do que ignorância ou presunção; não é o satânico *non serviam*, mas a mais absoluta carência de luz.

Há pessoas que se fazem passar por sábias, e afirmam que religião e ciência são coisas antagónicas, que se abriu um abismo que parece intransponível: é o domínio do materialismo em todas as suas

formas. Mas qualquer pessoa piedosa sabe colmatar, preencher esse abismo. Nós, filhos de Deus na sua Obra, temos de tentar, com a graça do Senhor e com o estudo, que essa oposição desapareça, fazendo, com a ciência profana, unida ao conhecimento teológico e ao exemplo da nossa vida, a apologia da Fé.

28 Todo o nosso trabalho tem, portanto, a realidade e a função da catequese. Temos de dar doutrina em todos os ambientes; e para isso precisamos de nos acomodar à mentalidade de quem nos ouve: *dom de línguas*. Dom de línguas que nos obriga a falar com conteúdo: *com efeito irmãos*, escreve S. Paulo, *se eu for ter convosco a falar línguas, de que vos servirá, se eu não falar convosco para vos instruir com a Revelação, ou com a ciência, ou com a profecia, ou com a doutrina?*[38]. Logo, há uma obrigação de formação: uma obrigação de nos formarmos bem doutrinalmente, uma obrigação de nos prepararmos de modo a que nos compreendam; para que, além disso, aqueles que nos escutam saibam, depois, expressar-se.

S. Paulo continua: *Se a língua que falais não é inteligível, como pode alguém saber o que dizeis? Falareis apenas para o ar*. O dom de línguas obriga-nos a compreender os outros. É também o Apóstolo que ensina: *há muitas línguas diferentes no mundo, e não há povo que não tenha a sua própria língua. Se eu ignorar o significado das palavras, serei um bárbaro ou um estrangeiro para aquele com quem falo, e aquele que me fala será, para mim, um bárbaro*[39].

Não basta dar doutrina de uma forma abstrata e desprendida: já vos disse antes que é necessário fazer a mais fervorosa apologia da Fé, pela doutrina e pelo exemplo da nossa vida, vivida com coerência.

Temos de imitar Nosso Senhor, que fazia e ensinava, *coepit facere et docere*.^[40] O apostolado de dar doutrina fica manco e incompleto se não for acompanhado pelo exemplo. Há um provérbio que, com a sabedoria do povo, nos deixa muito claro o que vos estou a dizer. E o refrão diz o seguinte: o exemplo é o melhor pregador.

29 Nunca acreditei na santidade das pessoas a que chamam *santos laicos*. Deles se diz que levam uma vida íntegra, e que, ao mesmo tempo professam ser ateus. Mas o Espírito Santo diz, por S. Paulo, que *as perfeições invisíveis de Deus, inclusivamente o seu poder eterno e a sua divindade, se tornaram visíveis depois da criação do mundo, pelo conhecimento que delas nos dão as suas criaturas*^[41]. Por isso, na melhor das hipóteses, respeitarão alguns preceitos da lei natural – embora não todos, porque a lei natural obriga-os a admitir a existência de Deus –, mas a sua vida não dá luz, porque se afastaram da luz de Cristo *lux vera, quae illuminat omnem hominem*^[42]; verdadeira luz, que ilumina todos os homens.

É, pois, necessário imitar Jesus Cristo – dizia-vos – para O dar a conhecer com a nossa vida. Sabemos que Cristo se fez homem para introduzir todos os homens na vida divina, para que – unindo-nos a Ele – vivêssemos individual e socialmente a vida de Deus. Ouvi como o diz S. João: *non enim misit Deus Filium suum in mundum ut iudicet mundum, sed ut salvetur mundus per ipsum*^[43]; Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que através dele o mundo se salve.

Trabalho secular e laical

30 Correspondendo à chamada que recebemos de Deus, o exemplo que temos de dar, para corredimir com Cristo, exige de nós

– de vós e de mim – um trabalho realizado de um modo laical e secular: para fazer um trabalho eclesialístico – próprio de eclesialísticos – já estão os sacerdotes e religiosos. A nossa tarefa não há de ser realizada nas igrejas, mas sim nas entranhas da vida civil, no meio da rua. Daí o nosso dever de nos tornarmos presentes, com o exemplo, com a doutrina e com os braços abertos para todos, em todas as atividades dos homens.

Vejo com alegria os leigos que se põem ao serviço da Igreja, para levar, juntamente com os sacerdotes, uma vida de trabalho nas diferentes associações piedosas de fiéis. Mas a nós, o Senhor pede-nos um apostolado capilar, de irradiação apostólica em todos os ambientes. Não podemos ter uma vida apagada, medíocre, de compromisso. Com isto não quero dizer que os fiéis que trabalham ao lado dos sacerdotes, em tarefas eclesialísticas, tenham uma vida *apagada* porque, de outra perspectiva, fazem também uma grande tarefa.

31 O nosso trabalho realiza-se, todos os dias, no meio de centenas de pessoas com quem estamos em contacto, desde que acordamos de manhã, até que o dia acaba: parentes, empregados, colegas de trabalho, clientes, amigos. Em cada um deles temos de reconhecer Cristo, temos de ver em cada um deles Jesus como nosso irmão; e assim ser-nos-á mais fácil ser pródigos em serviços, em atenção, em carinho, em paz e em alegria.

Esse nosso ideal, concretizado em obras, aproximará muitas almas da Igreja; e muitos jovens, muitos homens maduros, e muitas pessoas de idade, com generosidade e com valentia, virão também unir-se a nós, lado a lado, no serviço de Deus na sua Obra.

32 É preciso rejeitar o preconceito de que os fiéis correntes não podem fazer mais do que limitarem-se a ajudar o clero, em apostolados eclesiásticos. O apostolado dos leigos não tem de ser sempre uma simples participação no apostolado hierárquico: a eles, especialmente aos filhos de Deus na sua Obra, porque têm uma chamada divina, como membros do povo de Deus, compete o dever de fazer apostolado. E isto não porque recebam uma missão canónica, mas porque são parte da Igreja; essa missão – repito – realizam-na através da sua profissão, do seu ofício, da sua família, dos seus colegas, dos seus amigos.

No entanto, a maioria das pessoas não consegue ver a eficácia apostólica da atuação dos leigos como fiéis correntes, quando se dedicam simplesmente ao seu trabalho quotidiano e dão assim exemplo com a sua vida, servindo-se de todas as circunstâncias para dar doutrina. Os que assim pensam ficam aquém na sua visão, e até acrescento que ficam ainda mais aquém no nosso caso: porque alcançaremos essa eficácia que eles apenas entreveem, através da nossa entrega completa, da nossa correspondência à chamada divina que recebemos do Senhor: *ecce ego quia vocasti me.*[44]

Apostolado da amizade

33 Quem não vir a eficácia apostólica e sobrenatural da amizade, esqueceu-se de Jesus Cristo: *já não vos chamo servos, mas sim amigos*[45]. E da amizade com os seus apóstolos, com os seus discípulos, com a família de Betânia: com Marta, Maria e Lázaro. E daquelas cenas que nos conta S. João, antes da ressurreição de Lázaro, aquele *et lacrimatus est Iesus*[46]: esquece as palavras cheias de confiança das duas irmãs quando querem comunicar a

Jesus Cristo a doença de Lázaro, e lhe enviam esta mensagem: *Senhor, olha que aquele a quem amas está doente*[47].

Há na Escritura, filhas e filhos da minha alma, muitos textos em que se fala da amizade, mas só vou citar um, que aparece na primeira epístola de S. Pedro: no capítulo V, versículo 13, quando, referindo-se a Marcos, lhe chama: *Marcus filius meus*.

Com a amizade leal e desinteressada, o apostolado do exemplo torna-se mais eficaz; mas temos de dar sempre exemplo, não só aos amigos, mas também aos que não nos conhecem, e mesmo aos que nos são hostis. Com o exemplo, cada um de vós se faz outro Cristo, *qui pertransiit benefaciendo et sanando omnes*[48], que passou fazendo o bem e curando todos.

34 O exemplo não se dá apenas com boas palavras, mas também com as obras. Os que pretendem fazê-lo de outro modo, merecem ouvir e hão de meditar esta passagem da Escritura: *então Jesus falou ao povo e aos seus discípulos e disse-lhes: na cátedra de Moisés sentaram-se os escribas e os fariseus; praticai, pois, e fazei tudo o que vos disserem; mas não os imiteis nas obras, porque eles dizem o que se deve fazer e não o fazem. Atam pesadas cargas e põem-nas sobre os ombros dos outros, mas eles nem com um dedo tratam de as mover*[49].

Palavras e obras, fé e conduta, em unidade de vida, já o dissemos noutra ocasião. Agir de outra maneira, fazer as coisas por vaidade, para que nos vejam, com espetáculo, mereceu estas palavras, que saíram da boca de Cristo: *omnia vero opera sua faciunt ut videantur ab hominibus*[50], fazem todas as coisas para serem vistos pelos homens.

De que servirá?, pergunta S. Tiago na sua epístola católica, de que servirá, meus irmãos, que alguém diga ter fé, se não apresenta obras?; porventura esse tipo de fé poderá salvá-lo? E acrescenta: como um corpo sem espírito está morto, assim também a fé sem obras está morta[51].

É melhor ser cristão sem o dizer, do que dizê-lo sem o ser. É uma coisa ótima ensinar, mas com a condição de que se pratique o que se ensina. Nós temos um só Mestre, aquele que falou e por quem todas as coisas foram feitas; as próprias obras que Ele realizou em silêncio são dignas do Pai. Quem compreende verdadeiramente a palavra de Jesus pode entender o seu próprio silêncio; e então será perfeito, porque atuará em conformidade com a sua palavra e manifestar-se-á mediante o seu silêncio[52].

Obrigação de dar exemplo. Obrigação de dar doutrina

35 Estais obrigados a dar exemplo, meus filhos, em todos os terrenos, também como cidadãos. Deveis pôr empenho em cumprir os vossos deveres e em exercitar os vossos direitos. Por isso, ao desenvolver a atividade apostólica, observamos, como cidadãos católicos, as leis civis com o maior respeito e acatamento, e esforçamo-nos sempre por trabalhar dentro do âmbito dessas leis.

Com a chamada divina e a formação específica, temos de ser sal da terra e luz do mundo[53], porque estamos obrigados a dar exemplo com uma santa desvergonha: *vir quidem non debet velare caput suum quoniam imago et gloria Dei est*[54]. Somos imagem de Deus: portanto, *brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus*[55]. Mas não temos de fazer alarde; não temos de ser como

esses vendedores de quinquilharias que levam toda a sua mercadoria à vista, para atrair, mas temos de trabalhar com naturalidade: se veem, que vejam.

36 Lembrai-vos daquela pergunta de S. Pedro ao Senhor, depois de Jesus ter explicado a parábola do pai de família que vigia a sua casa. Perguntou S. Pedro: *Senhor, dizes essa parábola para nós, ou para todos?* O Senhor respondeu-lhe: *quem pensas que é aquele administrador fiel e prudente, a quem o seu amo constitui administrador da sua família, para distribuir a cada um, a seu tempo, a medida do trigo ou o alimento oportuno?*[56].

Logo, todos os que formamos a Obra estamos obrigados a administrar, aos que nos rodeiam, o alimento da palavra de Deus, da doutrina de Deus. E então, também se dirigirão a nós as palavras do Mestre, como uma promessa de prémio: *ditoso o tal servo, se o seu amo ao regressar o encontrar executando assim o seu dever*[57]. Esta administração da doutrina, com o exemplo, com a palavra, por escrito, através da amizade, etc., este ensinamento, temos de o fazer com discrição, para que não se afastem de Jesus os que tardam em compreender.

Tende presente o que conta S. Mateus d'Ele: *et sine parabolis non loquebatur eis*[58] adaptava-se à mentalidade do meio ambiente. Disse que temos de nos adaptar ao meio ambiente, mas não nos adaptarmos ao ambiente, ao ambiente mundano: existe o perigo de adaptação, por cobardia, por comodismo ou – é uma tristeza – para satisfazer as más paixões. E então unimo-nos ao grupo dos desalentados. Não! Não é este o caminho; que não se diga de nós: *esses tais são do mundo, e por isso falam a linguagem do*

mundo[59], mas sim o que Jesus disse ao seu Pai: *assim como tu me enviaste ao mundo, assim eu os envie também ao mundo*[60].

37 Há outra razão de justiça que nos obriga a dar exemplo: não difamar os nossos irmãos da Obra. Aquela sentença absolutamente ilógica, *ab uno disce omnes*[61], é infelizmente muitas vezes regra corrente para julgar. O nosso exemplo há de ser constante: tudo tem de ser ocasião de apostolado, meio de dar doutrina, ainda que tenhamos debilidades.

Sem medo. E, para não ter medo, não ter culpa. Se houver alguma debilidade, recomendo-vos que repitais as palavras de Pedro a Jesus, que eu repito habitualmente, depois de cada um dos meus erros: *Domine, tu omnia nosti, tu scis quia amo te*[62]; Senhor, tu sabes tudo, tu sabes que te amo.

O conhecimento dos nossos erros torna-nos humildes, faz-nos aproximar mais do Senhor. Além disso, devemos ter em conta que, enquanto estivermos na terra, por providência do Senhor, teremos enganos, erros. S. Tiago escreve de Elias que era homem pecador como nós; no entanto, *fez depois, novamente, oração, e o céu deu chuva, e a terra produziu os seus frutos*[63].

A atuação de cada um de nós, filhos, *é pessoal e responsável*. Devemos procurar dar bom exemplo perante cada pessoa e perante a sociedade, porque um cristão não pode ser individualista, não pode desentender-se dos outros, não pode viver egoistamente, de costas viradas para o mundo: é essencialmente social, membro responsável do Corpo Místico de Cristo.

38 Com esta dedicação orientada para o fim que compreende todos os outros fins concretos – que não são mais do que meios para esse fim, de que falei primeiro, que é dar doutrina –, o nosso trabalho apostólico contribuirá para a paz, para a colaboração dos homens entre si, para a justiça, para evitar a guerra, para evitar o isolamento, para evitar o egoísmo nacional e os egoísmos pessoais: porque todos se darão conta de que fazem parte da grande família humana, que está dirigida, por vontade de Deus, para a perfeição.

Assim contribuiremos para eliminar esta angústia, este temor por um futuro de rancores fratricidas, e confirmar nas almas e na sociedade a paz e a concórdia: a tolerância, a compreensão, o relacionamento, o amor.

Sem aceção de pessoas. Respeitar a liberdade dos outros

39 Dir-vos-ei com o apóstolo S. Tiago: *não tenteis jamais conciliar a fé de Nosso Senhor Jesus Cristo com a aceção de pessoas, porque se, entrando em vossa casa um homem com anel de ouro e roupa preciosa, e entrando ao mesmo tempo um pobre mal vestido, ponde os olhos naquele que vem com vestido brilhante e dizeis: senta-te aqui neste lugar importante, dizendo, pelo contrário, ao pobre: tu fica aí em pé ou senta-te aqui aos meus pés, não é claro que formais um tribunal injusto dentro de vós mesmos e vos fazeis juízes de injustas sentenças? Não é verdade que Deus escolheu os pobres neste mundo para os fazer ricos na fé e herdeiros do reino que tem prometido aos que o amam? Vós, pelo contrário, desprezastes o pobre. Não são os ricos que vos tiranizam e não são esses mesmos que vos arrastam aos tribunais?[64].*

Isto não quer dizer que não tenhamos obrigação de atender os poderosos: temos de procurar trabalhar também com aquelas almas que influem mais nas massas, no povo, venham essas pessoas de cima ou de baixo: não admitimos, também nisso, aceção de pessoas.

O apostolado do exemplo respeita a liberdade de todos, e faz com que a glória de Deus se manifeste e transforme os homens, *porque o Senhor é espírito, e onde está o espírito do Senhor há liberdade. E é assim que todos nós, contemplando face a face, como num espelho, a glória do Senhor, somos transformados na própria imagem de Jesus Cristo, avançando de claridade em claridade, como que iluminados pelo espírito do Senhor*[65].

40 Tenho vindo a falar-vos, minhas filhas e meus filhos, da obrigação que nos impele – *caritas Christi urget nos*[66] – de ajudar Cristo Senhor Nosso na sua divina tarefa de Redentor de todas as almas, consumada quando Jesus morreu na vergonha e na glória da Cruz – *iudaeis quidem scandalum, gentibus autem stultitiam*[67], escândalo para os judeus, loucura para os gentios – e que, por vontade de Deus, continuará até que chegue a hora do Senhor.

Esta obrigação incumbe a todos os cristãos: e, por um título muito especial – a chamada que recebemos –, é *onus et honor*, carga e honra para os filhos de Deus na sua Obra. O Senhor pede-nos que a levemos, com a nossa conduta exemplar e com um apostolado constante de dar doutrina, a todos os homens que encontramos no nosso caminho: apostolado que haveis de fazer *em e desde* o vosso próprio trabalho profissional, no vosso próprio estado.

Na ação apostólica, não devemos deixar-nos arrastar por nenhuma aceção de pessoas, nem podemos excluir nenhuma

atividade humana, porque todas as ocupações honestas, todos os ofícios honrados serão para nós motivos de santificação, e meio de apostolado efficacíssimo, que nos dará ocasião para arrastar outras almas na procura sincera e generosa da santidade no meio do mundo.

Por isso tenho afirmado, e repito-o, que deveis dar exemplo, sendo assim testemunhas de Jesus Cristo em todos os campos da atividade humana, a que levareis a boa semente que recebestes, para ser semeadores de Deus, sal que amadureça as almas que não experimentaram ainda ou que esqueceram o sabor da mensagem evangélica, luz que ilumine os que jazem nas trevas do erro ou da ignorância.

Em todos os campos onde os homens trabalham – insisto – tendes de estar presentes também vós, com o maravilhoso espírito de serviço dos seguidores de Jesus Cristo, que *não veio para ser servido, mas sim para servir*[68]: sem abandonar imprudentemente – seria um erro muito grave – a vida pública das nações, na qual atuareis como cidadãos correntes, que isso sois, com liberdade pessoal e com pessoal responsabilidade.

Presença na vida pública. Nem secularismo nem clericalismo.

A Obra não tem atividade política

41 Uma presença leal e desinteressada no âmbito da vida pública proporciona imensas possibilidades de fazer o bem, para servir: os católicos não podem, – vós não podeis, meus filhos, – abandonar esse campo, deixando as tarefas políticas nas mãos de quem não

conhece ou não pratica a lei de Deus, ou dos que se mostram inimigos da sua Santa Igreja.

A vida humana, tanto a privada como a social, depara-se, inevitavelmente, com a lei e com o espírito de Cristo Nosso Senhor: como consequência, os cristãos encontram facilmente uma relação entre o apostolado e a organização da vida por parte do Estado, isto é, a ação política. *As coisas que pertencem a César, devemos dá-las a César; e as que pertencem a Deus devem ser dadas a Deus*, disse Jesus[69].

Infelizmente, é habitual que as pessoas não queiram seguir este preceito tão claro, e que os conceitos se envolvam, para terminar em dois extremos que são igualmente desordenados: o laicismo, que ignora os direitos legítimos da Igreja, e o clericalismo, que oprime os direitos, também legítimos, do Estado. É necessário, meus filhos, combater estes dois abusos através dos leigos que se sintam e sejam filhos de Deus e cidadãos das duas cidades.

42 A política, no sentido nobre da palavra, não é mais do que um serviço para alcançar o bem comum da cidade terrestre. Mas este bem tem uma grande abrangência e, conseqüentemente, é na esfera política que são debatidas e promulgadas leis da maior importância, tais como as que dizem respeito ao casamento, à família, à escola, ao mínimo necessário de propriedade privada, à dignidade – os direitos e deveres – da pessoa humana. Todas estas questões, e outras, interessam em primeiro lugar à religião, e não podem deixar um apóstolo indiferente e apático.

A Obra não tem nenhuma política: essa não é a sua finalidade. O nosso único propósito é espiritual e apostólico, e tem uma marca

divina: o amor à liberdade, que Jesus Cristo nos alcançou morrendo na Cruz[70]. Por esse motivo, a Obra de Deus não entrou e nunca entrará na luta política dos partidos; não é somente louvável, mas um dever estrito para a nossa Família sobrenatural, manter-se acima de disputas contingentes, que envenenam a vida política, pela simples razão de que a Obra – afirmo novamente – não tem objetivos políticos, mas apostólicos.

No entanto, vós, meus filhos – cada um de vós pessoalmente – não estariéis apenas a cometer um erro, como acabo de vos dizer, mas estariéis a atraiçoar a causa de Nosso Senhor, se deixásseis o campo livre para a gestão dos assuntos do Estado aos indignos, aos incapazes, ou aos inimigos de Jesus Cristo e da sua Igreja.

>43 Não quero com isto dizer que todos os cidadãos não cristãos são indignos ou inaptos, nem que todos vós tenhais de intervir, dia após dia, na política. Para muitos – a maioria – será suficiente que tenham um critério seguro em tudo o que diz respeito à Igreja; que saibam dar uma doutrina sólida – que não é política, mas religiosa – aos seus amigos e companheiros; e, finalmente, que cumpram os seus deveres cívicos com retidão, quando o governo do país lhes pedir que o façam.

Outros, pelo contrário, sentir-se-ão inclinados a dedicar-se a questões políticas; não serão politiquinhos, que vivem apenas de expedientes e compromissos, a fim de assegurarem para si próprios uma posição, a partir da qual se alimentam, na vida pública da sua pátria, capazes de vender o seu direito de progeneração por um prato de lentilhas[71], mas homens que combinam a sua vida profissional

com uma ânsia de serviço – nunca de domínio – aos seus concidadãos, na vida política ou em organizações sindicais.

Digo-vos a todos: os que tiverem vocação política, que atuem livremente nesse campo, sem abdicar dos seus direitos como cidadãos, e que procurem a sua santificação enquanto servem a Igreja e a pátria, procurando o bem comum para todos, da forma que lhes parecer mais adequada, pois não há dogmas em questões temporais.

Os outros, que cumpram sempre fielmente os seus deveres, e que exijam que os seus direitos sejam respeitados. E que todos atuem livremente, pois é próprio da nossa peculiar vocação divina santificarmo-nos, trabalhando nas tarefas correntes dos homens, de acordo com os ditames da própria consciência, sentindo-nos pessoalmente responsáveis pelas nossas atividades livremente assumidas, de acordo com a fé e a moral de Jesus Cristo.

44 Livremente, porque o vínculo que nos une é unicamente espiritual. Estais unidos uns aos outros, e cada um a toda a Obra, apenas no âmbito da procura da vossa própria santificação, e no campo – também exclusivamente espiritual – de levar a luz de Cristo aos vossos amigos, às vossas famílias e àqueles que vos rodeiam.

Sois, portanto, cidadãos que cumprem os seus deveres e exercem os seus direitos, e que estão associados na Obra apenas para se ajudarem uns aos outros, espiritualmente, na busca da santidade e no exercício do apostolado, com meios ascéticos e formas apostólicas específicas. O fim espiritual da Obra não faz distinção entre raças ou povos – vê apenas almas, pelo que se exclui qualquer ideia de partido ou de objetivos políticos.

E assim, em tudo: naquilo que não diz respeito ao espírito e ao apostolado da Obra, estais unidos apenas por um compromisso de fé, de moral e de doutrina social, que é o espírito da Igreja Católica e, por isso, o de todos os fiéis.

Deveres Cívicos

45 Este compromisso com a doutrina e com a vida que a Igreja Católica nos dá, e que vos impele, meus filhos, a servir a Deus enquanto servis o vosso país, concretiza-se em alguns pontos firmes e imutáveis da verdade. São princípios inquestionáveis que constituem o denominador comum – *vinculum fidei* – não o vosso, não o dos meus filhos, mas o de todos os católicos, o de todos os filhos fiéis da Santa Madre Igreja.

A este respeito, digo-vos qual é o meu grande desejo: gostaria que, no catecismo da doutrina cristã para crianças, se ensinasse claramente quais são esses pontos firmes em que não se pode ceder, ao agir de uma forma ou de outra na vida pública; e que, ao mesmo tempo, se afirmasse o dever de atuar, de não se abster, de dar a sua colaboração pessoal no serviço do bem comum, com lealdade e com liberdade pessoal. Este é um grande desejo meu, porque vejo que, dessa forma, os católicos aprenderiam estas verdades desde crianças, e saberiam praticá-las quando fossem adultos.

46 De facto, é frequente, mesmo entre católicos que parecem responsáveis e piedosos, o erro de pensarem que só são obrigados a cumprir os seus deveres familiares e religiosos, e dificilmente querem ouvir falar de deveres cívicos. Não se trata de egoísmo, mas simplesmente de uma falta de formação, porque nunca lhes foi dito claramente que a virtude da piedade – uma parte da virtude cardeal

da justiça – e o sentido da solidariedade cristã se concretizam também neste estar presente, neste conhecer e contribuir para a resolução dos problemas que dizem respeito a toda a comunidade.

É claro que não seria razoável esperar que cada cidadão fosse profissional da política; além disso, isto seria materialmente impossível, hoje em dia, mesmo nas sociedades mais pequenas, devido aos elevados níveis de especialização e de dedicação que todas as tarefas profissionais exigem, incluindo a tarefa política.

Mas podemos e devemos exigir um mínimo de conhecimento dos aspetos concretos e específicos para o bem comum na sociedade em que cada um vive, em determinadas circunstâncias históricas; também se pode exigir um mínimo de compreensão da técnica – das possibilidades reais e limitadas – da administração pública e do governo da sociedade, porque sem este entendimento não pode haver crítica serena e construtiva, nem opções sensatas.

É portanto conveniente que haja uma ampla oportunidade de adquirir um profundo sentido social e cooperativo, para alcançar o bem comum. Já vos falei desta medida concreta no catecismo, mas também no campo da pedagogia escolar – da formação humana – seria bom que os mestres, sem imporem critérios pessoais naquilo que é opinável, ensinassem o dever de atuar livre e responsabilmente no campo das atividades cívicas.

Deus no mundo. Liberdade de ação, pessoalmente responsável

47 Mas voltemos à Obra e a vós, meus filhos. Sabeis que, como Nosso Senhor, também eu gosto de usar parábolas, recorrendo sobretudo àquelas imagens de pesca – barcos e redes – que têm um

sabor tão evangélico. Somos como os peixes apanhados numa rede. Pescou-nos o Senhor com a rede do seu amor, entre as ondas deste nosso mundo conturbado, não para nos tirar do mundo – do nosso ambiente, do nosso trabalho quotidiano – , mas para que, sendo do mundo, sejamos, ao mesmo tempo, totalmente seus. *Non rogo ut tollas eos de mundo, sed ut serves eos a malo*^[72] não te peço que os tires do mundo, mas que os preserves do mal.

Além disso, esta rede, que nos une a Cristo e nos mantém unidos entre nós, é uma rede muito ampla que nos deixa livres, com responsabilidade pessoal. Porque a rede é o nosso denominador comum – pequeníssimo – de cristãos que querem servir a Deus na sua Obra; é a formação católica, que nos leva a aceitar, com a máxima fidelidade, o Magistério da Igreja.

Por sermos livres como peixes na água, e por estarmos seguros na rede de Cristo, não confundimos a Igreja com os erros pessoais de nenhum homem, e não toleramos que ninguém confunda os nossos próprios erros pessoais com a Igreja. Não existe o direito de envolver a Igreja em política, em ações políticas mais ou menos bem-sucedidas e sempre opináveis; isso é muito fácil e muito injusto. Também não há o direito de envolver a Obra nos erros ou nos sucessos de cada um de vós.

48Se existem erros, devem-se, em parte, ao facto de ser quase impossível não os cometer, tratando-se de uma tarefa tão complexa, em que ninguém pode ter completamente na mão os inumeráveis dados que intervêm em qualquer problema sério. Mas, mesmo quando esses erros pudessem ter sido evitados – erros devidos à

negligência, à falta de prudência, etc. – a Igreja ou a Obra não devem, de forma alguma, assumir essa responsabilidade.

Pois é certo que, se houver erros deste tipo, será sempre *apesar da Igreja, apesar da Obra*, que exortam todos os seus filhos a atuarem com a maior perfeição humana possível em todas as tarefas pessoais – porque, sem esta perfeição humana, não podem aspirar à perfeição sobrenatural.

Em suma: deveis estar ativa, livre e responsabilmente presentes na vida pública. Estou a falar-vos da obrigação de trabalhar nesse âmbito, da forma que melhor corresponder à mentalidade de cada um de vós, às circunstâncias e às necessidades do país, etc. Se vos falo sobre este assunto, é porque tenho o dever de vos dar critérios, e faço-o como sacerdote de Jesus Cristo e como vosso Padre, sabendo que me cabe a mim estar acima das fações e dos interesses de grupo.

Eu nunca vos perguntei, nem nunca vos perguntarei, e o mesmo farão os Diretores da Obra, em todo o mundo, o que cada um de vós pensa sobre estas questões, porque defendo a vossa legítima liberdade. Sei – e não tenho nada contra – que entre vós, minhas filhas e filhos, há uma grande variedade de opiniões. Respeito-as todas; respeitarei sempre qualquer escolha temporal de cada um dos meus filhos, desde que esteja dentro da lei de Cristo.

49 Os meus critérios pessoais em questões políticas concretas não são do vosso conhecimento, porque não os manifesto; e quando houver sacerdotes na Obra, deverão seguir a mesma regra de conduta, uma vez que a sua missão será, tal como a minha, exclusivamente espiritual.

Por outro lado, mesmo que conhecêsseis estes meus critérios pessoais, não teríeis qualquer obrigação de os seguir. A minha opinião não é um dogma – os dogmas são estabelecidos apenas pelo Magistério da Igreja, na medida em que dizem respeito ao depósito da fé – e as vossas opiniões também não são dogmas. Seríamos inconsequentes se não respeitássemos outras opiniões diferentes da que cada um de nós tem; como o seriam também os meus filhos se não exercessem o seu direito de expressar as suas orientações políticas, em matérias de livre discussão.

Já vos disse porquê: porque, se nestes assuntos temporais, os católicos responsáveis não intervierem – completamente de acordo com o seu *denominador comum* e com as diferentes formas de ajuizar sobre o que é opinável – é difícil que este campo não caia nas mãos de pessoas que não têm em conta os princípios do direito natural, nem o verdadeiro bem comum da sociedade, nem os direitos da Igreja: nas mãos de pessoas que, além disso, não têm o hábito de respeitar opiniões contrárias às suas. Ou seja, sem este espírito cristão de consideração pelos princípios intangíveis e pela legítima liberdade de escolha em matéria de opinião, não poderá haver, na sociedade, nem paz, nem liberdade, nem justiça.

50 Nunca falo de questões contingentes de política, e já vos expliquei que procedo desta maneira porque a minha missão é exclusivamente espiritual. Mas há ainda outra razão: é que os Diretores da Obra nunca poderão impor um critério político ou profissional – numa palavra, temporal – aos seus irmãos.

Na Igreja, apenas a Hierarquia eclesiástica ordinária tem o direito e o dever de dar orientações políticas aos católicos, e de lhes fazer ver

a necessidade – no caso em que se considere efetivamente necessário – de adotar uma certa posição relativamente a problemas da vida pública.

E quando a Hierarquia intervém desta forma, isso não é de modo algum clericalismo. Todos os católicos bem formados devem saber que é missão pastoral dos bispos dar critério em assuntos públicos, quando está em jogo o bem da Igreja; os católicos bem formados sabem também que essa intervenção corresponde unicamente, por direito divino, aos bispos, porque só eles, estando em comunhão com o Romano Pontífice, têm a função pública de governo na Igreja, uma vez que *Spiritus Sanctus posuit episcopos regere Ecclesiam Dei*^[73], o Espírito Santo designou os bispos para governar a Igreja de Deus.

Unidade e liberdade dos católicos

51 Vedes, filhos da minha alma, quão grande é a necessidade de formar católicos para um determinado fim: o de os conduzir à unidade nas coisas essenciais, permitindo-lhes, ao mesmo tempo, fazer uso da sua legítima liberdade, com caridade e compreensão, em todos os assuntos temporais. Liberdade: jamais dogmas em assuntos opináveis.

Não está de acordo com a dignidade e a psicologia própria dos homens fixar arbitrariamente umas verdades absolutas, em assuntos que cada pessoa deve necessariamente ver a partir do seu ponto de vista próprio, de acordo com os seus interesses particulares e a sua própria experiência pessoal. Além disso, um único partido – consequência necessária de se ter estabelecido apenas uma opção possível – não pode gerir a vida pública de um país durante muito tempo, porque acaba por se desgastar a si próprio, por perder a

simpatia e a confiança do povo, ainda que a sua gestão tenha sido em geral positiva e não tenha havido imoralidades. Penso, lealmente, que é assim que as coisas são, mas posso estar enganado: não seria a primeira vez.

52 Outro aviso, filhos, embora seja, talvez, supérfluo, pois, se tiverdes o meu espírito, dificilmente querereis agir dessa forma na vida pública. O aviso é este: não sejais *católicos oficiais*, católicos que fazem da religião um trampolim não para saltar para Deus, mas para alcançarem postos – vantagens materiais como as honras, as riquezas, o poder – que ambicionam. Deles, dizia uma pessoa séria com bom humor, talvez exagerando, que *põem os olhos no céu e as mãos onde quer que caiam*.

Esses católicos, que fazem do chamar-se católicos uma profissão – uma profissão na qual têm o direito de admitir uns e de rejeitar outros –, querem negar o princípio da responsabilidade pessoal, no qual se baseia toda a moralidade cristã: porque aquele que não pode fazer uso da sua legítima liberdade não tem direito a remuneração pelas suas boas obras, nem pode ser punido pelas suas más ações ou omissões.

Negam o princípio da responsabilidade pessoal, dizia-vos, e pretendem que todos os católicos de um país formem um bloco compacto, renunciem a todas as suas opiniões temporais livres, para apoiar, em massa, um único partido, um único grupo político, do qual eles – os católicos oficiais – são os donos e que, por isso, também é *oficialmente católico*.

53 Mas, como é que vão conseguir que outros cidadãos católicos abdicuem naturalmente dos seus direitos para se submeterem a um

monopólio que não tem razão de existir? Muitas vezes, conseguem fazê-lo através daquilo a que poderemos chamar *uma falsidade*, embora não queira julgar a boa-fé com que atuam. A falsidade está em confundir os católicos, pedindo-lhes essa inútil e absurda unidade em matéria de opinião, em nome de uma lógica e necessária unidade naquilo que à fé e à moral da Igreja diz respeito.

Com campanhas políticas bem organizadas, conseguem confundir a opinião pública, fazendo crer que só eles podem ser o baluarte, a defesa da Igreja nessas circunstâncias particulares do seu país. Por vezes, chegam a criar – e depois a manter durante o máximo de tempo possível – uma situação artificial de perigo, para mais facilmente convencerem os cidadãos católicos da necessidade de sacrificarem as suas livres opções temporais a fim de apoiarem o partido que assumiu *oficialmente* a defesa da Igreja.

Não estranheis que, às vezes, a falsidade seja tão hábil que até as próprias autoridades eclesiásticas não se deem conta e cheguem a apoiar, de alguma forma, esse partido *confessional*, reforçando assim oficialmente o seu carácter e a sua pretensão de se impor às consciências dos fiéis.

54 Não quero dizer que todos os partidos oficialmente católicos se baseiem neste logro. Existem os que cumprem verdadeiramente uma função de serviço e de defesa dos interesses da Igreja, dando forma unitária e força aos cidadãos católicos. Mas parece-me quase impossível – as experiências são muito claras – que um partido *oficialmente* católico, mesmo que tenha nascido para servir a Igreja, não acabe por se servir da Igreja.

Porque, mais cedo ou mais tarde, a situação extraordinária que tornou necessária uma especial unidade entre os católicos, na vida pública, tende a normalizar-se, tendendo também a desaparecer a necessidade de um partido único e obrigatório para os católicos.

E depois acontece normalmente uma coisa muito humana, mas muito desagradável: os católicos *oficiais*, que mandam nesse partido, não estão dispostos a perder os seus privilégios, e tentam mantê-los a todo o custo. Para isso, não é difícil que exerçam uma *chantagem moral*: ou se mantêm no poder, com o apoio da Hierarquia, ou tudo se desmorona, porque o caminho estará aberto aos inimigos da Igreja.

Têm razão: com a sua política exclusivista e tirânica, conseguiram atrofiar e pôr fora de jogo todas as outras organizações e grupos constituídos por católicos, estando unicamente eles em posição de agir com uma certa força. Chega, então, o momento em que a Igreja se sente comprometida, atada com dupla corda ao destino do partido católico *oficial*.

Não se servir da Igreja

55 Não fiquéis surpreendidos por algo do género poder vir a acontecer. Pensai, meus filhos, que, com o tempo, o poder temporal tende a deformar aquele que o possui e o exerce. Não é nada de extraordinário, portanto, que algum católico, com pouca formação doutrinal e pouca vida interior, sinta a tentação de usar qualquer meio para manter a posição que alcançou na vida pública e que acabe por fazer os impossíveis para se manter no poder, mesmo comprometendo a sua própria consciência, deformando-a.

Compreendemos claramente que o que eu referi pode acontecer; mas não podemos permitir que aconteça, porque, dessa forma, toda a Igreja acabaria prisioneira: prisioneira a Hierarquia, amarrada à carruagem do partido oficial; prisioneiros os fiéis, impedidos de exercer a sua legítima liberdade.

Devemos deduzir disto, meus filhos, que temos o dever de amar a liberdade de todos, e de servir a Igreja, evitando tudo o que possa significar servir-se da Igreja para fins políticos de um partido. Da Igreja só podemos servir-nos para encontrar as fontes da graça e da salvação; isto implica renunciar aos nossos próprios interesses, sacrificarmo-nos com todo o gosto para que Cristo reine na terra, ter pureza de intenção.

É com esta mentalidade que os meus filhos que tenham esta nobre inclinação devem entrar na política: servir o seu país, defender as liberdades humanas e estender o reinado de Jesus Cristo.

Para isso, evitarão ser *católicos oficiais* e tentarão lutar lealmente com as mesmas armas que os outros, apresentando-se como aquilo que são, cidadãos comuns, iguais aos outros, católicos responsáveis, que mantêm com os outros católicos a unidade no essencial, mas que não querem criar dogmas no acidental, nas questões temporais opináveis.

56 Esta é a razão limpa e transparente pela qual, entre estes meus filhos, haverá sempre – é lógico e é bom que haja – diferentes formas de compreender quais são os meios mais adequados, em cada circunstância, para conseguir o bem comum na sociedade em que vivem.

Todos eles puxarão na mesma direção – Deus, o bem comum de todos os homens – mas com ideias diferentes – e mesmo opostas – sobre as questões temporais opináveis. Assim não podem comprometer a Igreja, assim não podem comprometer a Obra.

Apesar de tudo, alguns – muitas das pessoas com quem falei – parecem não querer compreender estas ideias, que são tão claras. Sejam pacientes, deixemos passar o tempo, e peçamos a Deus que os ilumine, e eles acabarão por compreender.

Perigos da política. Humildade

57 Falei-vos bastante sobre este ponto da política, porque vos cabe a vós, meus filhos, afirmar o reinado de Jesus Cristo, em todos os campos da atividade humana, em todas as tarefas temporais. Além disso, porque aqueles de vós que trabalharem livremente na coisa pública, devem ter muito presentes os perigos da política.

Já referi esses riscos: falei-vos do perigo de que o exercício do poder possa deformar a consciência, do perigo de não respeitar a justa liberdade dos outros, e do perigo de comprometer a Igreja ou a Obra. Mas existem perigos ainda mais gerais: o da ambição, o das paixões – nacionalismo, partidarismo, etc. – o de perder a visão sobrenatural e esquecer a ação divina no mundo e nos corações.

Aqui vêm a calhar as palavras da Sagrada Escritura: *todas as coisas que Deus fez são boas a seu tempo. Até a eternidade colocou no coração deles, sem que nenhum ser humano possa compreender a obra divina do princípio ao fim*^[74]; quer dizer, sem que o homem possa compreender a admirável sabedoria, que brilha e brilhará nas obras do Criador, desde o princípio até ao fim do mundo. Em discussões e rivalidades políticas, o homem esquece facilmente que é

o Senhor quem faz, quem impulsiona todo o bem, e quem nos fez livres.

58 Para evitar este veneno, estes perigos – que não devem dissuadir aqueles de vós que têm essa *vocação* específica, que é sempre um trabalho profissional –, o antídoto está nos meios ascéticos, que estão à disposição de todos os filhos de Deus na sua Obra, para se santificarem no meio do mundo, na rua: *o espírito de pobreza*, desprendimento verdadeiro dos bens temporais; e *o espírito de humildade*, desprendimento das glórias humanas, do poder: são estes os frutos saborosos da alma contemplativa no desempenho profissional.

Insisto especialmente no espírito de humildade, porque sabeis – como vos continuo a repetir – que o amor-próprio e o orgulho são, para a alma, muito mais insidiosos e muito mais nocivos do que *a concupiscência da carne e a concupiscência dos olhos*[75], que são perigos mais fáceis de descobrir e de combater. Por isso, peço aos meus filhos que estejam vigilantes e que não se deixem seduzir por essa vã glória, por esses impulsos de soberba, que enchem a atmosfera da vida pública. Vede o que nos diz São Paulo: *nemo se seducat. Si quis videtur inter vos sapiens esse in hoc saeculo, stultus fiat ut sit sapiens*[76]. Que ninguém se engane a si próprio. Se algum de vós pensa que é sábio segundo o mundo, deixe-se tomar por tolo pelos mundanos, para que seja sábio aos olhos de Deus.

59 Compreendei-me: a vossa humildade não deve ser a mesma dos religiosos, que são chamados pelo Senhor a fugir do mundo, a viver o *contemptus saeculi*, o desapego das realidades temporais, ainda que, consideradas em si mesmas, essas realidades terrenas não

suponham ofensa a Deus. A vossa humildade, filhas e filhos da minha alma, deve ser a humildade dos cristãos, que devem amar o mundo, ter apreço por todas as coisas temporais que Deus deu ao homem para delas se servir; a vossa humildade deve ser a das almas chamadas a serem do mundo, mas sem serem mundanas, sem deixarem que as coisas temporais – instrumentos de trabalho, para o serviço de Deus – se apeguem ao coração e impeçam o progresso espiritual, que tende para a perfeição da caridade.

O poder, o comando, a autoridade – com as honras que necessariamente acompanham e sustentam essas funções sociais – não são coisas más em si mesmas, muito menos o são para os leigos que se devem santificar no meio delas. São coisas boas, positivas, ordenadas pela sua própria natureza para o bem do homem e para a glória de Deus. Não são um mal necessário, nem um mal menor e, em igualdade de circunstâncias, não se pode dizer que é mais perfeito abster-se delas do que utilizá-las.

60 O ensinamento de S. Paulo é muito claro: *toda a pessoa está sujeita às potestades superiores: porque não há potestade que não provenha de Deus, e Deus é que estabeleceu as que há no mundo. Por isso, quem desobedece às potestades, desobedece à ordenação ou vontade de Deus... Porque o que governa é um ministro de Deus posto para teu bem... Por esta mesma razão lhes pagais os tributos, porque são ministros de Deus, a quem nisto mesmo servem. Pagai, pois, a todos o que se lhes deve: ao que se deve tributo, o tributo; ao que se deve imposto, o imposto; ao que se deve temor, temor; ao que se deve honra, honra*^[77]. E, antes, o próprio Jesus Cristo o tinha ensinado, dizendo a Pilatos: *não terias poder algum sobre mim, se não te fora dado do alto*^[78].

Mas sendo o poder, como é, necessário e bom, não deixa de ser para o homem caído – *pronus ad peccatum*, inclinado ao pecado – uma ocasião mais de apego, de vã glória, de orgulho, de esquecimento de Deus, como tantas outras coisas boas, que se podem tornar más pela malícia dos homens.

Por isso, os cristãos correntes que devem santificar-se nestas coisas públicas – também vós, minhas filhas e filhos, se escolhestes livremente essa atividade profissional, que é parte da vossa chamada divina – hão de estar vigilantes, retificando constantemente a intenção.

Retidão de intenção. Desprendimento. Respeitar as opiniões alheias

61 Agora, vem muito a propósito que vos recorde essa manifestação tão heroica da retidão de intenção, da humildade verdadeira no serviço de Deus, que se há de viver sempre em Casa: refiro-me à disposição de todos os meus filhos de abandonar o trabalho pessoal mais florescente – pode ser também uma ocupação política –, para se dedicarem a outras tarefas profissionais externamente menos brilhantes, se o bem do apostolado o requer e os que têm autoridade na Obra assim o dispõem.

Esta decisão habitual é uma manifestação bem evidente de desprendimento, porque tanto nos faz trabalhar aqui como acolá, desde que compreendamos que o nosso trabalho é um serviço a Deus e a todas as almas: com este espírito, os meus filhos aprendem a agradar a Deus em tudo o que fazem, e a evitar o contágio do afã desordenado do poder e das ambições pessoais.

Porque sabem ceder, respeitar a legítima opinião alheia, atuar com *o estilo* dos filhos de Deus na Obra, em tudo, e concretamente na vida pública, não esquecerão que a sua missão é servir, sem esperar gratidão nem honras dos homens, e tendo somente o desejo de agradar a Jesus, *cui servire regnare est*. Assim, serão indubitavelmente mais eficazes e, sobretudo, santificar-se-ão em todas as suas atividades pessoais, que – com a graça de Deus – terão sabido converter em instrumento de santificação e de apostolado, com um raio de ação extensíssimo.

62 Quando vos falo de apostolado do exemplo, de atuação pessoal livre e responsável, de nunca serdes *católicos oficiais*, talvez algum pudesse pensar que, para tornar mais eficaz esta penetração apostólica em todos os ambientes e dar mais facilmente este exemplo cristão, fosse conveniente manter secreto o facto de pertencer à Obra.

Olhai: não é assim. *Detesto o segredo*, que muitas vezes não serve senão para fazer o mal, ou para que se dilua a responsabilidade. Não admito mais segredo do que o da confissão: e assim o digo sempre a todos os que alguma vez se aproximam de mim com a pretensão de me contar algo em segredo.

Certamente, agora, por estar nos começos deste trabalho *divino*, da nossa Obra de Deus, é absolutamente necessário não divulgar imprudentemente o nosso caminho, porque poucos estão em condições de entender essa novidade. Mas esta nossa atitude temporária é a mais natural: é *o segredo da gestação*.

Todos os seres que têm vida necessitam de um certo tempo de proteção – mais ou menos longo –, antes de aparecerem à luz do dia;

têm necessidade de umas condições particulares que tornam possível o seu primeiro desenvolvimento, a sua maturação. A natureza faz isto com as plantas e com os animais e com os homens; é, pois, perfeitamente *natural* que tenhamos o mesmo cuidado com a Obra, que é um organismo vivo, que está a começar a sua atividade. Por outro lado, assim começaram, normalmente, todas as instituições apostólicas: sem espetáculo, sem ruído. Desgraçada ou afortunadamente, já se prevê que outros se encarregarão de fazer ruído sobre a Obra de Deus.

63 Temos de sentir uma santa impaciência de pegar o fogo divino, que o Senhor fez arder nos nossos corações, a todas as almas que estão à nossa volta, e até às mais distantes: mas, enquanto não chegar a aprovação da Santa Igreja, convém que se atue com prudência – de acordo com o Reverendíssimo Ordinário do lugar, como temos feito sempre –, dando a conhecer afirmativamente às pessoas a realidade da Obra. Que fique muito claro, contudo, que este modo de proceder não é, de maneira nenhuma, guardar segredos: trabalhamos à vista de todo o mundo e, de facto, só os cegos e os surdos podem desconhecer a nossa Obra.

Alguns, pelo que vejo, levados pela sua incompreensão – já vedes que não sou duro a julgar –, queriam que os meus filhos, devido a essa entrega maravilhosa ao serviço de Deus, levassem um cartaz nas costas que dissesse, pouco mais ou menos: *consta que sou um bom rapaz*. E não se dão conta de que nós – que não somos, nem nunca seremos, religiosos –, juridicamente, canonicamente, trabalhamos com sentido sobrenatural, como os membros de uma qualquer associação de fiéis.

E não passa pela cabeça de ninguém, por exemplo, que um médico que seja irmão terceiro, ponha nos seus cartões-de-visita: «Fulano de Tal, irmão terceiro franciscano, doutor em Medicina». Logo, a nossa maneira de trabalhar não pode ser qualificada como um segredo: porque não é querer dissimular o que somos. É, pelo contrário, naturalidade, simplesmente; não queremos simular o que não somos, porque somos cristãos correntes, iguais aos outros cidadãos.

**Trabalhar com naturalidade. Humildade pessoal.
Heroísmo na humildade coletiva**

64 Para serdes eficazes, portanto, deveis trabalhar com naturalidade, sem espetáculo, sem pretender chamar a atenção, passando despercebidos, como passa despercebido um bom pai que educa cristãmente os filhos, um bom amigo que dá um conselho cheio de sentido cristão a outro seu amigo, um industrial ou um negociante que cuida de que os seus trabalhadores estejam bem atendidos em termos espirituais e materiais.

Deveis trabalhar – portanto – silenciosamente, mas sem mistérios nem secretismos, que nunca empregámos e nunca empregaremos: porque não são necessários para servir a Deus e, além disso, repugnam às pessoas que têm clareza de consciência e de conduta. Silenciosamente: com uma humildade pessoal tão profunda, que vos leve necessariamente a viver a humildade coletiva, a não querer, cada um, receber a estima e o apreço que merece a Obra de Deus e a vida santa dos seus irmãos.

Esta humildade coletiva – que é heroica, e que muitos não entenderão – faz com que os que pertencem à Obra passem ocultos

entre os seus iguais do mundo, sem receber aplausos pela boa semente que semeiam, porque os outros não se darão conta, nem conseguirão explicar cabalmente esse *bonus odor Christi*[79], que inevitavelmente se há de desprender da vida dos meus filhos.

65 Devemos ter bem gravadas, na nossa vida de almas entregues ao serviço do Senhor, aquelas suas palavras: *guardai-vos de fazer as vossas boas obras diante dos homens, para vos tornardes notados por eles; de outro modo, não tereis nenhuma recompensa do vosso Pai que está nos céus*[80].

A virtude teologal da esperança dá-nos um apreço tão grande pelo prémio prometido pelo nosso Pai Deus, que não estamos dispostos a correr o risco de o perder por falta de humildade coletiva; não queremos que se apliquem a nós, por termos procurado o aplauso dos homens, aquelas outras palavras de Jesus: *amen, dico vobis, quia receperunt mercedem suam*[81]: já receberam a sua recompensa. Triste negócio!

Por isso não queremos que nos louvem, nem que nos elogiem; queremos trabalhar caladamente, com humildade, com alegria interior – *servite Domino in laetitia*[82] –, com entusiasmo apostólico, que não se desvirtua precisamente porque não transborda em ostentação, em manifestações aparatosas. Queremos que haja em todas as profissões, em todas as tarefas humanas, grupos escolhidos de homens e de mulheres que, sem bandeiras ao vento nem etiquetas que chamem a atenção, vivam santamente e influam nos seus colegas de trabalho e na sociedade, para o bem das almas: esse é o afã exclusivo da Obra.

Compreensão com todas as almas. Não fazer discriminações. Salvar todas as almas.

66 Sempre vos tenho dito que há os que trabalham por três e fazem o ruído de três mil; nós queremos trabalhar como três mil, fazendo o rumor de três. Não estou a dizer nada pejorativo para ninguém; respeito as opiniões contrárias a essa nossa simplicidade, no modo de fazer o apostolado. Mas estou convencido de que a unidade espiritual dos cristãos não necessita sempre de manifestações externas de massas e ações coletivas ruidosas. A unidade não se alcança com congressos e vozearia, mas sim com a caridade e com a verdade.

Entendeis, portanto, que a discreta reserva – nunca *segredo* – que vos inculco, não é senão o antídoto contra a gabarolice; é a defesa de uma humildade que Deus quer que seja também coletiva – de toda a Obra –, e não só individual; é também, ao mesmo tempo, instrumento de maior eficácia no apostolado do bom exemplo, que cada um pessoalmente exercita no seu próprio ambiente familiar, profissional, social.

Porque não podemos esquecer, filhas e filhos da minha alma, que toda a nossa vida – por chamamento divino – é apostolado. Daí nasce – estais a experimentá-lo vós próprios, e experimentá-lo-ão todos os vossos irmãos que vierem depois – o desejo constante de conviver com todos os homens, de superar, na caridade de Cristo, qualquer barreira.

Daí, nasce em nós a preocupação cristã por fazer com que desapareça qualquer forma de intolerância, de coação e de violência, no trato dos homens entre si. Também na ação apostólica – melhor,

principalmente na ação apostólica –, queremos que nunca haja o menor assomo de coação. Deus quer que O sirvamos em liberdade e, portanto, não seria reto um apostolado que não respeitasse a *liberdade das consciências*.

67 Compreensão, pois, ainda que por vezes haja quem não queira compreender: o amor a todas as almas há de levar-vos a querer bem a todos os homens, a desculpar, a perdoar. Deve ser um amor que cubra todas as deficiências das misérias humanas; deve ser uma caridade maravilhosa: *veritatem facientes in caritate*[83], seguindo a verdade do Evangelho com caridade.

Tende em conta que a caridade, mais do que em dar, está em compreender. Não vos escondo que estou a aprender, na minha própria carne, o que custa não ser compreendido. Tenho-me esforçado sempre por me fazer compreender, mas há quem esteja empenhado em não me entender. Também por isto, quero compreender todos; e vós, deveis esforçar-vos sempre por compreender os outros.

No entanto, não é um impulso circunstancial o que nos leva a ter esse coração amplo, universal, católico. Este modo de nos comportarmos decorre da própria essência da Obra, porque o Senhor nos quer em todos os caminhos da terra, lançando a semente da compreensão, da desculpa, do perdão, da caridade, da paz. Jamais nos sentiremos inimigos de ninguém. A Obra nunca poderá fazer discriminações, nunca quererá excluir ninguém do seu apostolado: senão, traiçoeira o seu próprio fim, a razão pela qual Deus a quis na terra.

68 Não consigo ver como se pode viver segundo o coração de Jesus Cristo e não se sentir enviado, como Ele, *peccatores salvos facere*[84], a salvar todos os pecadores. A atitude do cristão, portanto, não pode ser diferente da que assinala S. Paulo: *recomendo, pois, ante todas as coisas, que se façam súplicas, orações, petições e ações de graças por todos os homens... Porque esta é uma coisa boa e agradável aos olhos de Deus Salvador Nosso, o qual quer que todos os homens se salvem e alcancem o conhecimento da verdade*[85].

O próprio S. Paulo nos oferece o seu exemplo pessoal para praticar esta doutrina: *fiz-me fraco para os fracos, para ganhar os fracos; fiz-me tudo para todos, para todos salvar*[86]. Este é, minhas filhas e meus filhos, o espírito que vos ensinei a exercitar. Um espírito que é manifestação bem real de *diversidade prática*, de espírito aberto, de disponibilidade sem limites.

Esta doutrina deu-a Deus, para que vo-la dê a vós: e tendes de a viver sempre no vosso trabalho em tantas tarefas humanas, que se desenvolverão com o tempo em todos os recantos da terra, a fim de contribuir para promover a verdadeira unidade, o convívio sincero de todos os homens.

69 Alguma vez o panorama pode parecer-vos desalentador: porque advertireis a pequenez humana do vosso esforço, face a todo um mundo que desconhece a compreensão. Tendes razão: diz-se que o mundo acaba sempre dividido em duas metades, e que uma se dedica a falar mal da outra. Mas, precisamente porque reina desunião e incompreensão, Deus quer-nos em todos os caminhos dos

homens para vivermos pessoalmente a compreensão de Cristo, e para ensinarmos a vivê-la.

Não pretendemos mudar tudo em poucos dias. Dir-vos-ei mais, algo que pode entristecer: talvez os cristãos nunca cheguem a estabelecer plenamente na terra este clima de unidade. Mas isso não tira que tenhamos esta meta diante dos olhos: chegaremos, se formos fiéis – dóceis à graça de Deus –, até onde Deus quiser; decididamente, muito mais além do que ousamos sonhar.

Se me perguntardes pelos meios para obter esse fim de caridade, responder-vos-ei que os tendes nos nossos modos apostólicos peculiares, que são manifestações naturais do espírito sobrenatural da Obra. Primeiro, como sabeis, o trabalho de amizade e de confiança entre os jovens de todas as classes sociais, que são a esperança, que agora está a amadurecer, da realidade de amanhã. Depois, a prática constante das virtudes da convivência, oferecendo a Deus com alegria, sem que se note, os atritos inevitáveis com caracteres, mentalidades, gostos diversos: *cum omni humilitate et mansuetudine, cum patientia supportantes invicem in caritate*[87]: com toda a humildade e mansidão, com paciência, suportando-vos uns aos outros com caridade.

Não humilhar ninguém. Santa transigência

70 Não exagereis essas dificuldades. Uma alma contemplativa sabe ver Jesus Cristo naqueles que a rodeiam, e não lhe custa suportar os incômodos no convívio com os seus irmãos, os homens. Até lhe parece pouco suportá-los: o que ela quer é edificar, imitar Jesus Cristo com a sua caridade sem limites, com a sua capacidade

de ceder e conceder em tudo o que seja pessoal, em tudo o que não ofenda a Deus.

E assim nós, sendo mais fortes na fé, – dir-vos-ei com S. Paulo – devemos suportar as fraquezas daqueles que são menos firmes, e não nos deixarmos levar por uma vã complacência por nós mesmos. Pelo contrário, que cada um de nós procure agradar ao seu próximo no que é bom e no que pode edificá-lo[88].

Também vos ensinei, minhas filhas e meus filhos, uma regra prática, essencial para a convivência, para edificar os outros na caridade: não discutir, não tentar convencer os outros com a dialética, já que muitos não estão dispostos a ceder sem se sentirem humilhados, ao reconhecerem a razão daquele que fala como adversário.

Tratai com caridade aquele que ainda é fraco ou pouco instruído na fé, sem se envolverem em disputas de opinião[89]. A verdade expõe-se com calma, positivamente, sem polémicas, sem humilhar, deixando sempre à outra pessoa uma saída honrosa, para que possa facilmente reconhecer que estava errada, que lhe faltava formação ou informação. Por vezes, a caridade mais fina será fazer com que o outro fique com a convicção de que descobriu alguma nova verdade por si próprio. Não discutais; em vez disso, fazei estudar os problemas serenamente, proporcionando doutrina escrita.

71 Com esta disposição abnegada, não duvideis de que o Senhor nos concederá, a nós cristãos, o que S. Paulo pediu: *“queira o Deus da paciência e da consolação conceder-vos a graça de estar sempre unidos em sentimentos e afetos com o Espírito de Jesus Cristo, para*

que, num só coração e numa única boca, possais, unânimes, glorificar a Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo“[90].

Esta compreensão, esta caridade, esquecendo os nossos próprios direitos, faz-nos ceder – conceder – em tudo o que é nosso, em todas as nossas coisas pessoais, tal como Jesus Cristo. O Senhor disse-nos para aprendermos com Ele: *discite a me quia mitis sum et humilis corde*[91]; para viver essa mansidão, essa humildade, essa santa transigência em tudo o que é pessoal, basta-nos contemplar Jesus que *semetipsum exinanivit formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus et habitu inventus ut homo*[92]; que se aniquilou a si mesmo, assumindo a forma de servo, tornando-se igual aos outros homens, reduzindo-se à condição de homem.

O rebaixamento de Nosso Senhor não teve limites. A sua santa transigência chegou mesmo até à morte mais ignominiosa: *humiliavit semetipsum factus obediens usque ad mortem, mortem autem crucis*[93]; humilhou-se a si próprio, sendo obediente até à morte, e morte numa cruz. E fez isto por amor aos homens a quem chama seus amigos, mesmo aos que não o queiram ser. *Vos autem dixi amicos*[94], disse aos discípulos que o vão deixar só, no momento de prova. *Amice, ad quid venisti?*[95], amigo, a que vieste? – disse ao próprio Judas, que vem para o trair.

E, por amor a todos – a os seus amigos, que querem ser fiéis apesar de estarem cheios de misérias, e àqueles que não querem ser seus amigos –, Jesus Cristo deixa-se maltratar, insultar, crucificar. *Maiorem hac dilectionem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis*[96]; ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos.

Santa intransigência. Por amor de Deus; não por interesses pessoais

72 Mas Jesus Cristo não nos deu apenas o exemplo da santa transigência; também nos deu o exemplo muito claro da santa intransigência nas coisas de Deus, porque Jesus não transige com o erro – aquelas terríveis repreensões aos fariseus! – nem tolera que, na sua presença, se ofenda impunemente o Criador. Observai a santa indignação de Cristo perante o abuso dos mercadores no Templo: *“tendo entrado no templo, começou a expulsar os que aí vendiam, dizendo-lhes: está escrito que a minha casa é casa de oração; mas vós fizestes dela um antro de ladrões[97].*

Onde quer que estejamos, e podendo evitá-lo, também não podemos tolerar que Deus seja ofendido; usaremos, se necessário, a santa coação, acompanhada de toda a brandura possível na forma, e respeitando sempre *a legítima liberdade das consciências*. Por outras palavras, agiremos de tal forma que se torne claro que não estamos a agir para defender interesses pessoais, mas só por amor a Deus – *zelus domus tuae comedit me[98]*, o zelo pela tua casa consome-me até às entranhas – e por amor aos homens, a quem queremos levar a sair do erro, para os impedir de condenarem insensatamente as suas almas.

73 É por isso que, por vezes, minhas filhas e filhos, não teremos outra escolha senão passarmos nós próprios um mau bocado e fazê-lo passar a outros, para os ajudar a serem melhores. Não seríamos apóstolos se não estivéssemos dispostos a que interpretem mal as nossas ações e reajam de modo desagradável.

Temos de nos convencer de que os santos – não pensamos que somos santos, mas queremos sê-lo – são necessariamente pessoas incômodas, homens ou mulheres – a minha Santa Catarina de Siena! – que, com o seu exemplo e pelas suas palavras, são motivo constante de inquietação para as consciências comprometidas com o pecado.

Para os que não querem viver uma vida limpa, a nossa delicadeza na guarda do coração constitui, necessariamente, uma censura, como que um estímulo, que não permite que as almas se desleixem ou fiquem adormecidas. É bom que assim seja; um filho meu que não queira provocar estas reações nas almas dos que o rodeiam, que queira sempre *fazer de simpático*, não poderá evitar, ele mesmo, ofender a Deus, porque se tornará cúmplice das desordens dos outros.

Vivei de tal forma que se possa dizer: *inflammatum est cor meum, et renes mei commutati sunt: zelus domus tuae comedit me*[99]; o meu coração inflama-se e as minhas entranhas comovem-se, porque o zelo pela tua casa me devora.

Trato amável. Amizade com todos

74 O santo é *incômodo*, disse eu. Mas isso não significa que tenha de ser *insuportável*. O seu zelo nunca deve ser um zelo amargo; a sua correção nunca deve ferir; o seu exemplo nunca deve ser uma *bofetada moral* na cara dos amigos. A caridade de Cristo – aquela santa tolerância com as pessoas, de que vos falava – deve suavizar tudo, para que nunca se possa aplicar a nenhum dos meus filhos o que pode ser dito – por vezes, infelizmente, com razão – de algumas pessoas boas: que *para aturar um santo são precisos dois santos*.

A nossa atitude deve ser exatamente a oposta: não queremos que ninguém se afaste de nós por não termos sabido compreendê-lo ou não o tratarmos com afeto.

Nunca devemos ser pessoas que estão à procura de um conflito. Vamos seguir o conselho de S. Paulo: *vivei em paz com todos os homens, se possível e na medida em que estiver ao vosso alcance*[100].

Esforçamo-nos por viver em paz, mesmo quando os outros não querem: *abençoei aqueles que vos perseguem; abençoei-os, e não os amaldiçoeis... A ninguém deveis devolver o mal com o mal, procurando fazer o bem, não só aos olhos de Deus, mas também aos olhos de todos os homens*[101]. Nunca tratamos ninguém como inimigo, porque não podemos ser inimigos de ninguém.

75 Em vez disso, vamos positivamente ter amigos, ganhar amigos, para os tornar amigos de Jesus Cristo. O Senhor quer servir-se de nós, das nossas relações com os homens, desta capacidade que Ele nos deu de querer amar e ser amados, para continuar a ter amigos na terra; do mesmo modo que se serviu de João Batista para encontrar o outro João, que viria a ser o seu amigo predileto, aquele que vemos recostado sobre o peito de Jesus, naquela noite íntima da Última Ceia: *erat ergo recumbens unus ex discipulis eius in sinu Iesu, quem diligebat Iesus*[102].

Façamos amigos entre todos os nossos colegas de trabalho, entre todos aqueles que vivem no nosso meio, mesmo que estejam longe de Deus; até posso dizer-vos que temos de nos aproximar mais destes, porque são os que mais precisam de nós. Os que precisam mais de nós são, em primeiro lugar, os cristãos preguiçosos, aqueles que não

vivem de acordo com a fé que professam; abordemo-los com toda a nossa caridade e com toda a nossa compreensão, oferecendo-lhes a nossa amizade sincera, autêntica, humana e sobrenatural.

Que não vos retraia o perigo de *contágio*; com a nossa vida contemplativa, a fidelidade ao nosso espírito, às nossas Normas e aos nossos Costumes, estamos imunes aos seus erros e aos seus exemplos, se não forem cristãos. Como os amamos com o coração de Cristo, Jesus está entre nós e eles, e acabaremos por afogar o mal numa abundância de bem.

76 No entanto, deveis ter muita paciência; deveis fazer o propósito firme de não desanimar, porque o trabalho não é fácil. De facto, a conversão de um mau cristão – católico ou não – é mais miraculosa do que a de um pagão, uma vez que os primeiros tendem a entender mal, de uma forma distorcida, tudo o que lhes dizemos sobre Jesus e a sua doutrina, porque não veem Jesus Cristo diante dos seus olhos, mas uma caricatura de Jesus Cristo.

Perante esta dificuldade, devemos ser constantes na nossa oração; *rezai também constantemente pelas outras pessoas, pois há esperança na sua conversão para que cheguem a Deus. Fazei que, pelo menos pelas vossas obras, possam receber formação... Às suas blasfêmias contraponde as vossas orações; aos seus desvios, a vossa firmeza na fé; à sua crueldade, a vossa doçura... Mostrem-nos seus irmãos, com a nossa amabilidade, esforçando-nos, apenas, por imitar o Senhor*[\[103\]](#).

Vedes, filhas e filhos da minha alma, qual é o motivo último do nosso espírito aberto, do nosso desejo de compreender todos: é zelo apostólico. Se fugíssemos daqueles que não conhecem ou não

praticam a fé de Cristo, não lhes daríamos a possibilidade de ver o nosso exemplo, não seríamos capazes de lhes oferecer a verdadeira imagem de Jesus Cristo refletida nas nossas vidas, apesar da nossa miséria pessoal.

77 Devemos ir com todos, se necessário, até às portas do inferno. A partir daí não, porque lá não se pode amar Jesus Cristo. Atraí-los-emos com a nossa amizade leal, recebê-los-emos nas nossas próprias casas, mesmo os que estão mais afastados. Portanto, fará parte do nosso amadíssimo apostolado *ad fidem* – que, a seu tempo, não tenho dúvidas, receberá a aprovação oficial – permitir aos nossos amigos não católicos assistirem aos atos de culto nos nossos oratórios; sem lhes dar demasiadas facilidades, levando-os a querer fazê-lo, de modo a destacar a liberdade pessoal, que é a principal característica dos nossos apostolados.

Para facilitar este trabalho, é mais do nosso espírito não darmos aos nossos Centros ou às nossas casas nomes que possam ter um sentido agressivo ou militar, de vitória ou de glória: *Deo omnis gloria!* Toda a glória a Deus! Embora respeite sem objeções que outros pensem e ajam de uma forma diferente, tende sempre presente que nós, os filhos de Deus, na sua Obra, não temos necessidade de violência; sentimo-nos protegidos pela divina Providência, e podemos dizer, depois de o termos experimentado tantas vezes: *in umbra manus suae protexit me*^[104], o Senhor cobriu-me com a sombra da sua mão.

Trabalho apostólico com outros cidadãos

78 Até agora, filhas e filhos meus queridíssimos, tenho-vos feito considerar algumas facetas do apostolado individual que cada um de

vós há de exercer no seu próprio ambiente, no desempenho do seu trabalho quotidiano, da sua profissão ou do seu ofício.

Existem, contudo, outros tipos de apostolado que, com o tempo, os meus filhos irão exercer em todo o mundo, associando-se como cidadãos comuns a outros cidadãos, sempre de acordo com as leis do país em que trabalham.

Associar-se-ão a outros cidadãos – não precisam de ser sempre católicos – a fim de desenvolverem juntos um trabalho profissional com um objetivo eminentemente apostólico, ou seja, que sirva diretamente para dar doutrina – este é sempre o nosso apostolado –, mesmo que não tenha um carácter exclusivamente espiritual.

Normalmente, serão, por exemplo, trabalhos culturais, de beneficência, de imprensa, de cinema, etc. Não devem ser tarefas *oficialmente católicas*, embora possa haver alguma exceção, se tal for oportuno. Mas, em geral, deverão ter a mesma característica do apostolado pessoal dos meus filhos, do qual vos acabo de falar: porque será um trabalho profissional, secular e laical, feito por cidadãos entre os seus iguais. O problema não está em chamarem-se católicos, mas em sê-lo, tanto na sua atuação individual como no trabalho conjunto.

79 Finalmente, deve haver também outro tipo de apostolados pelos quais a Obra será oficialmente responsável; estes traduzir-se-ão sempre em atividades profissionais, de carácter plena e exclusivamente apostólico, realizadas pelos meus filhos. E, como serão realizadas corporativamente por aqueles que pertencem ao Opus Dei, chamar-lhes-emos *obras corporativas*.

Podem ser de tipos muito variados, de acordo com as circunstâncias e as necessidades das almas, em cada lugar e em cada época: centros de formação para todas as categorias sociais, casas para retiros espirituais e cursos de instrução religiosa, residências para estudantes universitários, centros profissionais e de assistência social para trabalhadores, agricultores, etc.

As minhas filhas e os meus filhos que se encarregarem destas obras apostólicas terão de se dedicar *profissionalmente* a elas, porque, para todos aqueles que fazem parte da Obra, sem exceção, o trabalho profissional é o único meio de santificação para si próprio e para os outros. O seu trabalho nas *obras corporativas* será o seu trabalho habitual de natureza profissional, mesmo que tenha uma finalidade direta e totalmente apostólica; e, em qualquer caso, será o mesmo trabalho de muitos outros cidadãos: professores, médicos, administradores, diretores de residências de estudantes, etc.

Se alguma vez os meus filhos tiverem de deixar a sua ocupação profissional habitual, para se dedicarem a tarefas de direção, de formação ou de assistência em algum trabalho corporativo, mesmo assim, não terão deixado de viver *a vida normal das pessoas na rua*, e o seu novo trabalho será sempre um *trabalho profissional*; visto que é habitual, em toda a parte, que muitas pessoas mudem mais ou menos frequentemente de um emprego para outro por razões familiares, económicas, sociais, etc. E há profissões – a política, por exemplo – às quais se costumam dedicar, normalmente, pessoas que já se tinham ocupado, e continuam a ocupar-se, de outras tarefas.

80 As casas e centros que são a sede material – o domicílio – destes trabalhos corporativos não serão normalmente nossas. Por

muitas razões, isso não é conveniente; e, além disso, não poderia ser, porque somos pobres: a Obra é pobre agora, no seu início, e sê-lo-á sempre, porque o Senhor nunca deixará de nos pedir mais trabalho apostólico, mais iniciativas, mais despesas e mais pessoas ao seu serviço. Trabalharemos em casas arrendadas ou em edifícios do Estado, ou em locais que pertençam a uma sociedade formada por alguns dos meus filhos e por outros cidadãos que nos queiram ajudar.

Porque somos pobres, as minhas filhas e filhos realizarão este trabalho com um grande sentido de responsabilidade, perante Deus. Orientá-los-á, em qualquer circunstância que surja e que não esteja expressamente prevista nas normas concretas que lhes estou a dar, a fórmula, o critério seguro de que já me ouviram falar tantas vezes: farão aquilo que, nas mesmas circunstâncias, um pai ou uma mãe de uma família numerosa e pobre faria.

Estas tarefas corporativas, já vos disse, excluem qualquer outro propósito que não seja puramente espiritual e apostólico; por esta razão, é possível e necessário que a Obra – cujo fim é exclusivamente espiritual – seja responsável pela segurança da sua doutrina católica. Não difundirão uma doutrina ou opiniões corporativas em assuntos temporais, porque tal doutrina corporativa, já vos disse mil vezes, não existe, não pode existir. *Corporativamente, não temos opiniões próprias* – cada um pode tê-las –, temos apenas *crenças*: a doutrina da Igreja, que aceitamos sem reservas, e que é a única coisa que nos une.

Toda a glória para Deus. A nossa ambição é servir

81 Efetivamente, só nos une a doutrina da Igreja Santa de Deus, *a chamada divina* e o desejo de a servir como seus filhos fiéis e agradecidos. Esta é a nossa ambição sobrenatural, que é precisamente o que mais se opõe a qualquer ambição humana, a qualquer afã de vantagem pessoal. Não trabalhamos para nos engrandecermos, mas para desaparecer e, com o nosso sacrifício, pôr Cristo no cimo de todas as atividades dos homens.

O nosso lema é o do Batista: *illum oportet crescere, me autem minui*[105]; convém que Cristo cresça e que eu diminua. Por isso, a nossa ambição maior – a verdadeira glória da Obra – é viver sem glória humana, para que só para Deus vá toda a glória, *solí Deo honor et gloria*[106].

Já temos vindo a contemplar o exemplo de Jesus Cristo. Vamos vê-lo outra vez, voltando a um texto maravilhoso de S. Paulo, que vos citei noutra ocasião: *...não devemos deixar-nos levar pela humana complacência por nós próprios... Porque Cristo não buscou a própria satisfação; pelo contrário, como está escrito, dizia ao seu Pai: os opróbrios dos que te ultrajavam vieram descarregar sobre mim*[107].

82 Não fazemos apostolado para receber aplausos, mas para dar a cara pela Igreja, quando ser católico é difícil; e para passarmos ocultos, quando chamar-se católico estiver na moda. De facto, em muitos ambientes, ser verdadeiramente católico, mesmo sem se chamar assim, é razão suficiente para receber todo o tipo de injúrias e de ataques. Por isso, ainda que vos tenha dito, alguma vez, que *nos repugna viver do facto de sermos católicos, viveremos, se for necessário, apesar de sermos católicos*. Sem esquecer, acrescento

sempre, que nos repugnaria ainda mais *viver de nos chamarmos católicos*.

Ambição de servir: esta ambição tem manifestações concretas muito claras, a que poderíamos chamar também as *nossas paixões dominantes*, as nossas loucuras. A primeira é a de querer ser o último em tudo, e o primeiro no amor. Dizemos ao Senhor, na nossa meditação pessoal: Jesus, que eu te queira mais do que todos! Já sei que sou o último dos teus servos; já sei que estou cheio de misérias, tiveste de me perdoar tantas ofensas, tantas negligências! Mas tu disseste que *ama menos aquele a quem menos se perdoa*[108].

Afã de almas: temos o desejo veemente de ser corredentores com Cristo, de salvar com Ele todas as almas, porque somos, queremos ser, *ipse Christus*, e Ele *dedit redemptionem semetipsum pro omnibus*[109], deu-se a si mesmo em resgate de todos. Unidos a Cristo e à sua Mãe Bendita, que é também nossa Mãe, *Refugium peccatorum*; fielmente unidos ao Vigário de Cristo na terra – *ao doce Cristo na terra* –, ao Papa, temos a ambição de levar, a todos os homens, os meios de salvação que a Igreja possui, tornando realidade aquela jaculatória, que venho repetindo desde o dia dos Santos Anjos da Guarda de 1928: *omnes cum Petro ad Iesum per Mariam!*

83 Mas não podemos aspirar a ser corredentores com Cristo, se não estivermos dispostos a *reparar pelos pecados*, como Ele fez. Vede como S. Paulo aplica a Jesus Cristo as palavras do Salmo 39: *Tu não quiseste sacrificios nem oblações, mas deste-me um corpo mortal; não te agradaram os holocaustos pelo pecado, então disse:*

eis-me aqui, que venho, como está escrito de mim no princípio do livro, para cumprir, ó Deus, a tua vontade[110].

Queremos oferecer a nossa vida, a nossa dedicação, sem reservas e sem regatear, como expiação pelos nossos pecados; pelos pecados de todos os homens, nossos irmãos; pelos pecados cometidos em todos os tempos, e pelos que se cometerão até ao fim dos séculos: antes de mais, pelos católicos, pelos escolhidos de Deus que não sabem corresponder, que atraíam o amor de predileção que o Senhor lhes consagrou.

*Amar como o que mais ama: ganhar para Cristo todas as almas; reparar abundantemente pelas ofensas feitas ao Coração Sacratíssimo de Jesus: eis as nossas ambições. Com uma loucura tão divina, com este zelo que nos come as entranhas, *zelus domus tuae comedit me**[111], que ambição humana se nos poderá pegar no caminho da nossa vida? Nenhum de nós, se mantiver este espírito da Obra, pode ter afã de brilhar, de ascender na escala social, de conseguir postos, honras, reconhecimentos, se não for apesar da sua vontade e para servir a Deus.

Porque, se nos movêssemos por esta ambição humana, para satisfazer o nosso amor-próprio – não faltará quem diga falsamente que o fizemos –, então teríamos de renunciar à aspiração de servir a Deus: *nemo potest duobus dominis servire*[112], porque ninguém pode servir a dois senhores: a Jesus Cristo e à sua vaidade.

Recordo que, acabado de me ordenar, me deram este *bom conselho*: se quer *fazer carreira*, evite cuidadosamente tudo o que seja trabalhar a sério, e, sobretudo, evite escrever coisas claras. Na altura, talvez não o tenha entendido muito bem; agora vejo que, de

um ponto de vista humano, tinham razão. Mas dou graças a Deus, meu Senhor, porque me fez compreender – já naquela altura – que não devia fazer caso do que me diziam: nunca me interessou *fazer carreira*, apesar das minhas faltas e das minhas misérias pessoais.

Começo da Obra: só por obediência a uma clara vontade divina

84 É tal o meu horror a tudo o que suponha ambição humana, ainda que irrepreensível, que, se Deus na sua misericórdia se quis servir de mim, que sou um pecador, para a fundação da Obra, foi apesar de mim. Sabeis que senti sempre aversão por esse empenho de alguns – quando não está sustentado por razões muito sobrenaturais, que a Igreja avalia – de criarem novas fundações. Parecia-me – e continua a parecer-me – que sobravam fundações e fundadores: via o perigo de uma espécie de *psicose de fundação*, que levava a criar coisas desnecessárias, por motivos que considerava ridículos. Pensava, talvez com falta de caridade, que nalguma ocasião o motivo era o menos importante: o essencial era criar algo novo e chamar-se fundador.

Assim, multiplicavam-se as obras, com nomes e finalidades, que aparentemente nasciam – atomizando as tarefas apostólicas e mudando frequentemente os seus fins – desse querer ser chefe mesmo que seja de um pequeno grupo: e divertia-me não pouco – tenho de o confessar, e pedir perdão a Deus, se com isso O ofendi – com os meus botões, ao considerar as finalidades concretas, diminutas, que davam origem a vestimentas chocantes e a famílias religiosas iguais a muitas outras que já existiam, visto que se diferenciavam somente na cor do hábito, ou no cordão ou na correia cingida à cintura: Fundação do Padre Fulano, das filhas de Santa

Emerenciana de Tal, para as netas da viúva vesga que tenham cabelo loiro. Não estranheis que vos diga que conheço instituições criadas para corrigir jovens pervertidas – é um exemplo entre muitos – que, poucos anos depois, deixam o trabalho fundacional, não porque haja menos mulheres desviadas do que antes, mas por um motivo de comodidade, para se dedicarem a manter *escolas a pagar*, ou trabalhos do estilo.

Depois, muitas vezes – ainda que não seja amigo de comédias – tive a tentação, o desejo, de me pôr de joelhos, para vos pedir perdão, meus filhos, porque, com essa repugnância às fundações, apesar de ter abundantes motivos de certeza para fundar a Obra, resisti quanto pude: sirva-me de desculpa, ante Deus Nosso Senhor, o facto real de que desde o 2 de outubro de 1928, no meio dessa minha luta interior, trabalhei para cumprir a Santa Vontade de Deus, começando o trabalho apostólico da Obra. Passaram três anos, e vejo agora que quiçá quis o Senhor que padecesse então, e que ainda a continue a experimentar, essa completa repugnância, para que tenha sempre mais uma prova externa de que *tudo é seu e nada meu*.

O apostolado é serviço

85 Este é o meu espírito, e este há de ser o vosso espírito, minhas filhas e meus filhos. À Obra não vindes buscar nada: vindes entregar-vos, renunciar, por amor de Deus, a qualquer ambição pessoal. Todos têm de deixar algo, se quiserem ser eficazes em Casa, e trabalhar como Deus nos pede, como um burrinho fiel, *ut iumentum!* A única ambição do burrinho fiel é servir, ser útil; o único prémio que espera é o que Deus lhe prometeu: *quia tu reddes unicuique*

iuxta opera sua[113], porque o Senhor premeia cada um segundo as suas obras.

Filhos da minha alma: encontráis-vos aqui, na Obra, porque o Senhor pôs no vosso coração o desejo limpo e generoso de servir; um zelo verdadeiro, que faz com que estejais dispostos a todo o sacrifício, trabalhando silenciosamente pela Igreja sem procurar nenhuma recompensa humana. Enchei-vos dessas nobres ambições; reforçai, no vosso coração, esta disposição santa, porque o trabalho é imenso.

Devemos pedir a Deus, Senhor Nosso, que aumente a nossa ânsia de servir, porque *massis quidem multa, operarii autem pauci*[114]; os trabalhadores são poucos, e grande a messe: o mar do trabalho apostólico não tem margens, e há no mundo tão poucas almas que queiram servir! Considerai o que aconteceria se nós, os que queremos servir, não nos entregássemos plenamente.

Meus filhos, a nossa vida é curta; temos pouco tempo para viver na terra, que é quando podemos fazer a Deus este serviço. Diz o poeta: *ao brilhar um relâmpago nascemos, e ainda dura o seu fulgor quando morremos, tão curto é o viver!*[115]. O Salmista escreve-o melhor: *homo, sicut foenum dies eius, tamquam flos agri, sic efflorescit*[116]; o homem, cujos dias são como o feno, florescerá como a flor do campo, que nasce com o primeiro beijo do sol e à noite murcha. Por isso, diz-nos S. Paulo: *tempus breve est*[117], quase não temos tempo!

86 Servir, pois, porque o apostolado não é outra coisa. Pelas nossas próprias forças, não podemos fazer nada no campo sobrenatural; mas, sendo instrumentos de Deus, podemos fazer tudo

– *omnia possum in eo, qui me confortat!*[118]: tudo posso n’Aquele que me conforta! –, porque Ele dispôs, pela sua bondade, utilizar estes instrumentos ineptos. Assim, o apóstolo não tem outro propósito senão o de permitir que o Senhor trabalhe, estando disponível para que Deus cumpra – por meio das suas criaturas, por meio da alma eleita – a sua obra salvadora.

O apóstolo é o cristão que se sente enxertado em Cristo, identificado com Cristo pelo Batismo, capacitado para lutar por Cristo, pela Confirmação, chamado a servir a Deus com a sua ação no mundo, a participar na função real, profética e sacerdotal de Cristo, que o torna idóneo para guiar os homens para Deus, ensinando-lhes a verdade do Evangelho, e corredimindo-os com a sua oração e a sua expiação.

O cristão disposto a servir é guia, mestre e sacerdote dos seus irmãos, os homens, sendo para eles outro Cristo, *alter Christus*, ou melhor, como vos costumo dizer, *ipse Christus*[119]. Mas – insisto – trata-se de não fazer um trabalho pessoal, de não ter ambições pessoais; trata-se de servir Cristo, para que Ele atue, e de servir também os homens, porque Cristo não veio para ser servido, mas para servir: *non venit ministrari, sed ministrare*[120].

Trabalhar sem ambição pessoal terrena. Humildade mais profunda

87 Servir todos os homens: temos, como campo do nosso apostolado, todas as criaturas, de todas as raças e de todas as condições sociais. É por isso que, para chegarmos a todos, nos dirigimos primeiro – em cada um dos ambientes – aos intelectuais, sabendo que é através deles que passa, necessariamente, qualquer

tentativa de penetrar na sociedade. Porque são os intelectuais que têm a visão de conjunto, que animam todo o movimento que tem consistência, que dão forma e organização ao desenvolvimento cultural, técnico e artístico da sociedade humana.

Minhas filhas e meus filhos: tenho insistido na necessidade de nos desprendermos de toda a ambição terrena e de nos enchermos da preocupação – que é uma contínua ocupação – de servir. Estamos convencidos de que nada importa, nada tem consistência, nada vale a pena, comparado com essa sublime missão de servir Cristo Nosso Senhor. Mas, precisamente porque aprendemos a desprezar o aplauso dos homens e toda a vã procura de espetáculo, o nosso afã por preservar o tesouro da humildade deve ser ainda mais atento e delicado.

Estamos expostos a um perigo muito sutil, a uma insídia quase imperceptível do inimigo, que, quanto mais eficazes nos vê, mais redobra os seus esforços para nos enganar. Esse perigo sutil – frequente, além disso, nas almas dedicadas a trabalhar para Deus – é, meus filhos, um tipo de soberba oculta, que nasce de se saber instrumento de coisas maravilhosas, divinas; uma autocomplacência silenciosa, ao ver os milagres que se operam pelo seu apostolado: porque vemos inteligências cegas que recuperam a visão, vontades paralisadas que se movem novamente, corações de pedra que se tornam de carne, capazes da caridade sobrenatural e do afeto humano, consciências cobertas de lepra, com manchas de pecado, que ficam limpas, almas totalmente mortas, podres – *iam foetet, quatríduanus est enim*^[121] –, que recuperam a vida sobrenatural.

88 E tantos obstáculos humanos superados; tantas incompreensões vencidas; tantos ambientes conquistados; um trabalho cada vez mais extenso e diverso, cada vez mais eficaz... Tudo isso, meus filhos, às vezes pode ser ocasião de uma satisfação injustificada – mas possível – connosco próprios. Devemos estar atentos, para que isso não aconteça; devemos ter uma consciência muito fina e reagir imediatamente.

Não podemos admitir, nem por um instante, qualquer pensamento de soberba, por qualquer serviço nosso a Deus, porque, nesse mesmo momento, deixaríamos de ser sobrenaturalmente eficazes. Deus não quer os seus servos vaidosos, satisfeitos consigo mesmos; pelo contrário, quer-os convencidos da sua própria indignidade e cheios de um santo empenho em não impedir a obra da graça: *servite Domino in timore, et exultate ei cum tremor; apprehendite disciplinam, nequando irascatur Dominus, et pereatis de via justa*[122]; servi ao Senhor com temor – *um temor que é o amor de um filho, que não quer desgostar o seu Pai* – e regozijai-vos n’Ele com tremor – *com comoção de amor*, traduzo eu: não aconteça que, alguma vez, o Senhor se irrite e pereçais fora do caminho certo, *e percais o caminho*.

Vede como Santo Agostinho comenta estas palavras das Escrituras: *Não diz: e não andeis pelo caminho da justiça, mas sim: não pereçais desviando-vos do caminho da justiça. O que pretende ele com isso, senão avisar – aqueles que vão pelo caminho da justiça – para que sirvam a Deus com temor, isto é, sem se ensoberbecerem? É como se lhes dissesse: não sejais soberbos, mas humildes. Num outro lugar, diz também: não sejais altivos, mas rebaixai-vos até aos humildes*(Rom. XII, 16). *Regozijai-vos, pois, no*

Senhor, mas com tremor, sem vos gloriardes em nada, pois nada é colheita vossa; e aquele que se gloria, glorie-se no Senhor(II Cor. X, 17-18). Não se desviem do caminho justo por onde começaram a andar, atribuindo a si mesmos a graça de caminhar nele[123].

89 O espetáculo dos prodígios que Deus opera através das nossas mãos deve ser uma ocasião para nos humilharmos, para louvarmos a Deus e reconhecermos que tudo vem d'Ele, e que nós não fizemos mais do que estorvar ou, quanto muito, ser pobres instrumentos nas mãos do Senhor.

Devemos pensar que há muitas outras almas que trabalharam melhor do que cada um de nós, que se sacrificaram mais e rezaram com maior perseverança; mas que o Senhor se quis servir mais de vós e de mim do que destas outras pessoas, para que se veja que é Ele quem atua, para que se note que os instrumentos não contam ou contam muito pouco.

Porque *Deus escolheu os néscios segundo o mundo, para confundir os sábios; e o que há de fraco no mundo, Deus escolheu-o para confundir o que é forte. O que o mundo considera vil e desprezível, é que Deus escolheu; escolheu os que não são nada, para reduzir a nada, aqueles que são alguma coisa. Assim, ninguém se pode vangloriar diante de Deus[124].*

90 Portanto, minhas filhas e meus filhos, quando vos parecer que trabalhastes muito no serviço do Senhor, repeti as palavras que Ele mesmo nos ensinou: *servi inutiles sumus; quod debuimus facere, fecimus[125]*; somos servos inúteis: não fizemos mais do que tínhamos obrigação de fazer.

O resumo que tiro sempre no final do dia, ao fazer o meu exame, é *pauper servus et humilis!* E isto quando não tenho de dizer: Josemaria, Senhor, não está contente com Josemaria. Mas, como a humildade é a verdade, são muitas as vezes em que – o mesmo vos sucede a vós – penso: Senhor, não me lembrei de mim para nada; pensei só em Ti e, por Ti, ocupei-me unicamente em trabalhar pelos outros! Então a nossa alma de contemplativos exclama com o Apóstolo: *vivo autem iam non ego: vivit vero in me Christus*[126], já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim.

Sem humildade não podemos jamais servir eficazmente, porque não sentiremos a necessidade de nos abandonarmos confiadamente à ação da graça, não teremos o impulso contínuo de recorrer a Deus como a nossa única força. E não alcançaremos do Senhor os favores que nos tem reservados, para a nossa santificação e a dos nossos companheiros: *quoniam excelsus Dominus, et humilia respicit*[127]; porque o Senhor é excelso, e olha para as coisas humildes.

Filhos da minha alma: sei que lutareis por ser humildes; sei que sereis, assim, maravilhosamente eficazes, porque sereis instrumentos dóceis nas mãos de Deus. Levareis ao mundo inteiro o sal e a luz de Cristo, principalmente com o exemplo da vossa vida: *empreendamos, pois, vida nova; façamos da terra céu, e mostremos assim aos gentios de quão grandes bens estão privados. Porque, quando virem a nossa conduta exemplar, contemplarão o próprio espetáculo do reino dos céus*[128].

Iluminar com a luz de Deus. Chamada geral à santidade

91 Estou a terminar este longo diálogo convosco. As considerações que fizemos na presença de Deus, serviram-nos para

compreender um pouco mais a profundidade, a formosura e a *velha novidade* da chamada à Obra. Depois de tantos séculos, quis o Senhor servir-se de nós para que todos os cristãos descubram, por fim, o valor santificante da vida diária – do trabalho profissional – e a eficácia do apostolado da doutrina com o exemplo, a amizade e a confiança.

Quer Jesus, Senhor Nosso, que proclamemos hoje em mil línguas – e com dom de línguas, para que todos saibam aplicá-la às suas próprias vidas –, em todos os recantos do mundo, essa mensagem velha como o Evangelho, e como o Evangelho nova. Alegra-nos a alma – é como uma prova mais, ainda que não precisemos dela, da entranha evangélica do nosso caminho – encontrar traços dessa mesma mensagem na pregação dos antigos Padres da Igreja.

Citei-vos mais de uma vez, nesta carta, o que diz o Crisóstomo; escutai agora outras palavras suas: *não vos digo: não vos caseis. Não vos digo: abandonai a cidade e afastai-vos dos negócios citadinos. Não. Permanecei onde estais, mas praticai a virtude. Para dizer a verdade, queria antes que brilhassem pela sua virtude os que vivem nas cidades, que os que foram viver para os montes. Porque disto se seguirá um bem imenso, já que ninguém acende uma luz e a põe debaixo do alqueire.*

Daí que eu quisesse – continua São João Crisóstomo – que todas as luzes estivessem nos candeeiros, a fim de que a claridade fosse maior. Acendamos, pois, o fogo, e façamos com que os que estejam sentados nas trevas se vejam livres do erro. E não me venhas com: tenho filhos, tenho mulher, tenho de atender a casa e não posso cumprir o que me dizes. Se nada disso tivesses e fosses túbio, tudo

estaria perdido; ainda quando tudo isso te rodeie, se és fervoroso, praticarás a virtude.

Só uma coisa se requer: uma disposição generosa. Se ela existir, nem idade, nem pobreza, nem riqueza, nem negócios, nem outra coisa qualquer pode constituir obstáculo à virtude. E, na verdade, velhos e jovens, casados e pais de família, artesãos e soldados, já cumpriram quanto foi mandado pelo Senhor.

Jovem era Daniel; José, escravo; Áquila exercia uma profissão manual; a vendedora de púrpura estava à frente de uma oficina; outro era guarda de uma prisão; outro centurião, como Cornélio; outro estava doente, como Timóteo; outro era um escravo fugitivo, como Onésimo; e, no entanto, nada disso foi obstáculo para nenhum deles, e todos brilharam pela sua virtude: homens e mulheres, jovens e velhos, escravos e livres, soldados e aldeões[129].

Que clara estava, para os que sabiam ler no Evangelho, essa chamada geral à santidade na vida habitual, na profissão, sem abandonar o seu ambiente próprio! Contudo, durante séculos, a maioria dos cristãos não o entendeu: não se pôde dar o fenómeno ascético de que muitos procurassem assim a santidade, sem sair do seu sítio, santificando a profissão e santificando-se com a profissão. E, muito rapidamente, à força de não a viverem, a doutrina foi esquecida; e a reflexão teológica foi absorvida pelo estudo de outros fenómenos ascéticos, que refletem outros aspetos do Evangelho.

92 Nestes anos, ao suscitar a sua Obra, o Senhor quis que nunca mais se ignore ou se esqueça a verdade de que todos se devem santificar, e de que à maioria dos cristãos corresponde santificar-se no mundo, no trabalho quotidiano. Por isso, enquanto houver

homens na terra, existirá a Obra. Sempre se produzirá este fenómeno: que haja pessoas de todas as profissões e ofícios, que procurem a santidade no seu estado, nessa profissão ou nesse ofício, sendo almas contemplativas no meio da rua.

Do que vos acabo de dizer deduz-se, minhas filhas e meus filhos, que nunca haverá, para a Obra, problemas de adaptação ao mundo; nunca se deparará com a necessidade de *se atualizar*. Deus *atualizou* a sua Obra de uma vez para sempre, dando-lhe essas características seculares, laicais, que vos comentei nesta carta. Não haverá, jamais, necessidade de nos adaptarmos ao mundo, porque *somos* do mundo; nem teremos de ir atrás do progresso humano, porque somos nós – sois vós, meus filhos –, juntamente com os outros homens que vivem no mundo, que criais este progresso com o vosso *trabalho corrente*.

93 Sede fiéis, ajudai-me a ser fiel e a saber esperar: sem pressa, porque – a seu tempo – o Senhor, que quis a *sua Obra*, fará cristalizar o modo jurídico, que de momento não se vê, para que a Santa Igreja reconheça a nossa maneira divina de a servir, no mundo – no meio da rua – com água clara e ar livre, sem privilégios, conservando a essência da nossa vocação: sem sermos religiosos, posto que o Senhor não nos quer religiosos.

Rezai, rezai muito: não esqueçais que a *oração é onnipotente*. Recordai que Jesus disse: *quodcumque petieritis Patrem in nomine meo, hoc faciam*^[130]; quanto pedirdes ao Pai em meu nome, Eu o concederei. E que *qui coepit in vobis opus bonum, perficiet...*^[131]; quem começou em vós a boa obra, levá-la-á a cabo. Expus-vos razões bem sobrenaturais, que me levam a rezar com fé e a esperar, em vez de procurar agora uma aprovação oficial eclesiástica, que teria,

certamente, o perigo de começar a desvirtuar a nossa *vocação divina*, confundindo-a com a vocação dos religiosos. E isso, não: porque o meu Senhor Jesus pedir-me-á contas, e – seguramente – vós desertaríeis em massa, com razão, não tolerando que fossem violentadas as vossas consciências de filhos de Deus na Obra de Deus.

Tende, pois, a completa segurança de que a Obra cumprirá sempre, com eficácia divina, a sua missão; responderá sempre ao fim para o qual o Senhor a quis na terra; será, com a graça divina – por todos os séculos –, um instrumento maravilhoso para a glória de Deus: *sit gloria Domini in saeculum*[132].

Abençoa-vos com todo o coração o vosso Padre

Madrid, 9 de janeiro de 1932

[Voltar ao índice](#)

NOTAS

[1] Ef 1,10 (Vg).

[2] S. IRENEU DE LIÃO, *Adversus haereses*, III, 16, 6 (SC 211, pp. 313-314).

[3] Jo 12,32.

[4] Sl 96[95],1.

[5] Cl 3,17.

[6] 1 Cor 10,31.

[7] Sl 100[99],2.

[8] Mt 5,48.

[9] S. JOÃO CRISÓSTOMO, *Adversus oppugnatores eorum qui ad monasticam vitam inducunt*, 1, III, 14 (PG 47, col. 374).

[10] 2 Cor 9,6.

[11] Mt 9,35-38.

[12] Ap 3, 20.

[13] Mt 13,44-45.

[14] Lc 12,48.

[15] Mt 13,44; «*quem qui invenit ... emit agrum illum*»: «que um homem ao encontrar escondeu, e na sua alegria vai, vende tudo quanto tem e compra aquele campo».

[16] Mt 4,19-20.

[17] Mt 8,21-22.

[18] Lc 9,61-62.

[19] Mt 4,19.

[20] S. JOÃO CRISÓSTOMO, *In Genesim Homilia*, 43, 1 (PG 54, col. 396).

[21] Mt 13,47.

[22] Jr 23,8; «*de terra Aquilonis et de cunctis terris*»:«de terras do norte e de todas as terras» (T. do E.).

[23] Jr 16,16-17.

[24] 1 Tm 2,4.

[25] 1 Cor 16,24.

[26] S.Th., Suppl., q. 82, a. 3 ad 4.

[27] 1 Ts 2,4.

[28] Sl 105[104],4.

[29] Sl 86[85],3-4.

[30] At 2,18.

[31] Gl 4,1-7.

[32] 1 Jo 2,29.

[33] 1 Jo 3,1-2.

[34] Heb 2,10-13.

[35] Rm 8,29.

[36] Cfr. 1 Jo 3,9-10.

[37] Jo 3,16-17.

[38] 1 Col 14,6.

[39] 1 Col 14,9-11.

[40] Cfr. At 1,1.

[41] Rm 1,20.

[42] Jo 1, 9 (N. do E.)

[43] Jo 3,17.

[44] 1 Sm, 3,6

[45] Cfr. Jo 15,15.

[46] Jo 11, 35; «et lacrimatus est Jesus»: «e Jesus chorou» (T. do Ed.).

[47] Jo 11,3.

[48] At 10,38.

[49] Mt 23,1-4.

[50] Mt 23,5.

[51] Tg 2,14.26.

[52] SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Epistula ad Ephesios*, c. 15, 1-2 (SC 10, p. 71).

[53] Cfr. Mt 5,13-14.

[54] 1 Cor 11,7; «vir quidem non debet ... imago et gloria Dei est»: «o homem, com efeito, não deve cobrir a cabeça, posto que é imagem

e glória de Deus» (T. do E.).

[55] Mt 5,16.

[56] Lc 12, 41-42

[57] Lc 12, 43 (N. do E.).

[58] Mt 13, 34

[59] 1 Jo 4,5.

[60] Jo 17,18.

[61] «por um só os conhecerás a todos», VIRGÍLIO, Eneida, 2,65-66 (N. do E.).

[62] Jo 21,17.

[63] Tg 5,18.

[64] Tg 2,1-6.

[65] 2 Cor 3,17-18.

[66] Cfr. 2 Cor 5,14.

[67] 1 Cor 1,23.

[68] Mt 20,28.

[69] Cf. Mt 22,21.

[70] Cfr. Gl 4,31.

[71] Cfr. Gn 25,29-34 (N. do E.).

[72] Jo 17,15.

[73] At 20,28.

[74] Ecl 3,11.

[75] 1 Jo 2,16.

[76] 1 Cor 3,18.

[77] Rm 13,1-6

[78] Jo 19,11.

[79] Cf. 2 Cor 2,15; «bonus odor Christi»: «o bom odor de Cristo» (T. do E., no original.).

[80] Mt 6,1.

[81] Mt 6,16.

[82] Sl 100[99],2; «servite Domino in laetitia»: «servi o Senhor com alegria» (T. do E.).

[83] Cfr. Ef 4,15.

[84] 1 Tm 1,15.

[85] 1 Tm 2,1-4.

[86] 1 Cor 9,22.

[87] Ef 4,2.

[88] Rm 15,1-2.

[89] Rm 14,1.

[90] Rm 15,5-6.

[91] Mt 11,29.

[92] Fl 2,7.

[93] Fl 2,8.

[94] Jo 15,15.

[95] Mt 26,50.

[96] Jo 15,13.

[97] Lc 19,45-46.

[98] Jo 2,17

[99] Sl 73[72],21; 69[68],10

[100] Rm 12,18.

[101] Rm 12,14.17.

[102] Jo 13,23; «*erat ergo recumbens... quem diligebat Iesus*»: «estava reclinado no seio de Jesus um dos seus discípulos, aquele que Jesus amava» (T. do E.).

[103] SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Epistula ad Ephesios* c. 10, 1-3 (SC 10, p. 67).

[104] Is 49,2.

[105] Jo 3,30.

[106] 1 Tm 1,17.

[107] Rm 15,1.3.

[108] Lc 7,47.

[109] 1 Tm 2,6.

[110] Heb 10,5-7. Cf. Sl 40[39],7-9.

[111] Jo 2,17.

[112] Mt 6,24.

[113] Sl 62[61],13.

[114] Mt 9,37

[115] Gustavo Adolfo Bécquer, *Rimas y Leyendas*, Rima n.º 49, Madrid, Editex, 2013, p. 52.

[116] Sl 103[102],15.

[117] 1 Cor 7,29.

[118] Fl 4,13.

[119] «ipse Christus»: «o próprio Cristo» (T. do E.).

[120] Mt 20,28.

[121] Jo 11,39; «iam foetet, quatruiduanus est enim»: «já cheira muito mal, pois já passaram quatro dias».

[122] Sl 2,11-12.

[123] S. AGOSTINHO DE HIPONA, *De correptione et gratia liber unus*, c. 9, 24 (CSEL 92, pp. 247-248)

[124] 1 Cor 1,27-29.

[125] Lc 17,10.

[126] Gl 2,20.

[127] Sl 138[137],6.

[128] S. JOÃO CRISÓSTOMO, *In Matthaicum Homilia*, 43, 5 (PG 57, col. 463).

[129] S. JOÃO CRISÓSTOMO, *In Matthaicum Homilia*, 43, 5 (PG 57, col. 464).

[130] Jo 14,13.

[131] Fl 1,6.

[132] SI 104[103],31.

SOBRE

Gabinete de Informação do Opus Dei, 2022

[**www.opusdei.pt**](http://www.opusdei.pt)

Consulte a lista completa de ebooks gratuitos